



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS E APLICADAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ÁTALO DA SILVA SOUZA

REDES E CONSUMO SOLIDÁRIO
A EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE EM MOSSORÓ –RN

MOSSORÓ/RN

2021

ÁTALO DA SILVA SOUZA

REDES E CONSUMO SOLIDÁRIO
A EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE EM MOSSORÓ –RN

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Luiz Gomes da Silva Filho,
Prof. Dr.

MOSSORÓ/RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Sr Souza, Átalo da Silva.
Redes e Consumo Solidário: A experiência da
Rede Xique Xique em Mossoró-RN / Átalo da Silva
Souza. - 2021.
71 f. : il.

Orientador: Luiz Gomes da Silva Filho.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2021.

1. Economia Solidária. 2. Redes de Colaboração.
3. Rede Xique Xique. I. Filho, Luiz Gomes da
Silva, orient. II. Título.

ATALO DA SILVA SOUZA

REDES E CONSUMO SOLIDÁRIO
A EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE EM MOSSORÓ –RN

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Humanas e Sociais

Defendida em: 01/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Luiz Gomes da Silva Filho, (UFERSA)
Orientador/Presidente

JOSE ERIMAR DOS SANTOS:01143306465

Assinado digitalmente por JOSE ERIMAR DOS SANTOS:01143306465
DN: CN=JOSE ERIMAR DOS SANTOS:01143306465, OU=UFERSA -
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, O=ICPEdu, C=BR
Razão: Eu sou o autor deste documento
Localização: sua localização de assinatura aqui
Data: 2021.06.02 08:16:35-03'00'
Foxit Reader Versão: 10.1.0

Professor Dr. José Erimar dos Santos (UFERSA)
Membro Examinador



Professora Drª Kize Arachelli de Lira Silva, (EMATER-RN; SEEC-IELMO
MARINHO; UFRN)
Membro Examinador

*Meu Avo Zé de Ciso
Minha Avó Irene
Meu Avô Antonio
Aos Pretos(as) Velhas
As vítimas da COVID-19 todas as almas
que caminham em direção a Luz! (In
Memoriam).*

*Minha Mãe Lucinete
Meu Pai Adorildo
Minha irmã Talita
Minha Vó Carmelita
A todos(as) amigos(as) e familiares
A Neneide, Adriano, Nara, Márcio e todos(as) que fazem a Rede Xique Xique*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o princípio criador de todas as coisas...Aos Orixás, a Jurema Sagrada a todos os bons espíritos que me guiam nesta caminhada. Em especial agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar e sempre me deram todo apoio que foi possível. A minha Mãe Lucinete que me trouxe ao mundo, ao meu Pai Adorildo, minha irmã Talita, minha vó Carmelita que ainda nos presenteia com sua presença, meu avó Zé de Ciso, meu avô Antonio, minha avó Irene que já estão no astral e a todos familiares.

Agradeço a todos(as) amigos(as) que firmei nesse período da graduação (uma vida), ao quais, desde a primeira turma “Dulce Rocha” (In memoriam) e as tantas outras turmas que pude participar com pessoas tão incríveis e de realidades tão diversas, tenho orgulho de ter feito parte da história deste curso, do movimento estudantil da UFERSA e de tantas lutas que participamos. Agradeço aos professores(as) que me acompanharam e me abriram a cabeça ao mundo acadêmico, tiveram paciência comigo, e as vezes também que nos enfrentamos e que foi possível dialogar, tudo foi fundamental. Em nome dos diversos professores(as) que passaram pelo meu processo formativo nesta LEDOC, agradeço a todas as mulheres em nome da professora Ady Canário e Marcela Amaral e aos homens em nome do professor Linconly Jesus, que foi meu primeiro orientador e posteriormente precisou transferir-se da UFERSA para UNILAB e ao professor Thadeu Brandão (In memoriam) que me trouxe discussões fundamentais para melhor compreender a realidade brasileira.

Agradeço ao Professor Luiz Gomes que me orientou neste trabalho. Chegamos a se aproximar antes mesmo dele entrar na Ufersa seja pelos interesses em comum em pautas como movimento estudantil, movimento negro e a defesa de uma educação popular. Anos depois estamos aqui concluindo este trabalho. Agradeço toda lapidação necessária no meu modo de escrever, organizar e sistematizar o conhecimento. Obrigado por toda paciência necessária e por nunca ter me colocado sob pressão, onde, toda motivação tem a ver com a sua forma de ser, fazer, pensar e se expressar.

Agradeço por fim a Banca Examinadora que é composta por dois professores de peso. Agradeço a professora Kize Arachelli por ter aceitado o convite e pelas contribuições que com sua grande experiência trará para este trabalho, agradeço ao grande Professor Erimar que foi quem me fez ver o potencial da Geografia e da Interdisciplinaridade na formação do Educador do Campo e com certeza tem muito a contribuir. Agradeço por todos os caminhos aberto até aqui! Laroye

Sopra o vento... Sopra o vento... Deixa esse vento entrar! Abre a porta do teu Ser, deixa esse VENTO entrar. É o SOPRO da verdade. É o SOM de Oxalá.

Ouçã o vento, ouçã o vento, ouçã o vento entoar! Esse assovio doce com as bençãos de Iemanjá e o canto da verdade, o Amor de Oxalá.

Esse vento foi ao NORTE, esse veio ao SUL, esse vento foi a LESTE, esse vento a OESTE, esteve nas montanhas brancas, nos cabelos de JESUS, é o REZO DO PAI VELHO, na espada de OGUM.

Esse vento REZA AO MAR, esse vento REZA A TERRA, esse vento REZA AO SOL, esse vento REZA A LUA, é o OM do soberano que balança o céu azul.

ESSE VENTO VEM LEMBRANDO QUE NOS TODOS(AS) SOMOS UM.

REZA DO VENTO
Ale de Maria/Rosa Amarela

RESUMO

Este trabalho objetivou compreender como a Rede Xique Xique promove a cultura do consumo solidário em Mossoró/RN, tendo como objetivos específicos analisar a importância da Rede enquanto uma organização comunitária para promoção de processos educativos, compreender e analisar as estratégias para promoção da comercialização solidária, conhecer o perfil socioeconômico e político de produtores(as) e consumidores(as) e as implicações relacionadas ao período da pandemia da COVID-19. Do ponto de vista metodológico, nós apoiamos no materialismo histórico-dialético enquanto método de compreensão da realidade. A pesquisa tem abordagem qualitativa e finalidade exploratória, tendo como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários com produtores(as) e consumidores(as). Enquanto referencial teórico tomamos como principal base de discussão Singer (2002), Freire (1996), Gadotti (2009), Mance (2002), Gohn (2006) entre outros, ainda foi analisado documentos internos da rede para coleta de dados que consideramos essencial. Os resultados da pesquisa foram analisados à luz da análise crítica do discurso amparado na perspectiva de Norman Fairclough (2016). Conclui-se que iniciativas como a Rede Xique Xique se viabilizam como iniciativas concretas de organização para o fortalecimento dos(as) agricultores(as) que em coletivo conseguem obter melhores resultados de formação, produção, comercialização, acesso às políticas públicas, geração de renda e autonomia num processo que envolve toda sociedade na discussão sobre o consumo solidário a partir de ações como as feiras agroecológicas, espaços fixos de comercialização, participação em vendas institucionais. Ainda refletimos sobre a importância desta discussão para a formação do professor(a) da educação do campo numa perspectiva de apresentar alternativas que são impostas pelo capitalismo.

Palavras-chave: Economia Solidária; Redes de Colaboração; Rede Xique Xique

ABSTRACT

This work aimed to understand how the Rede Xique Xique promotes the culture of solidary consumption in Mossoró/RN, aiming to analyze the importance of the network as a community organization for promoting educational processes, understand and analyze the strategies for promoting solidary marketing, know the socioeconomic and political profile of producers and consumers related to the period of the COVID-19 pandemic. From a methodological point of view, we support dialectical-historical materialism as a method of understanding reality. A research has a qualitative and more exploratory approach, having as a data collection instrument the application of questionnaires with producers and consumers. As a theoretical framework, we take Singer (2002), Freire (1996), Gadotti (2009), Mance (2002), Gohn (2006) among others as the main basis for the discussion. The research results were emanated in light of the critical analysis of the discourse supported by the perspective of Norman Fairclough (2016). It is concluded that initiatives such as the Rede Xique Xique become viable as concrete organizational initiatives to strengthen farmers who collectively obtain better results in training, production, marketing, access to public policies, income generation and in a process of autonomy that involves the whole society in the discussion about solidary consumption through actions such as agroecological fairs, fixed commercial spaces, participation in institutional sales. We also reflect on the importance of this discussion for the training of teachers of rural education in a perspective of presenting alternatives that are imposed by capitalism.

Keywords: Solidarity Economy, Collaboration Networks, Rede Xique Xique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Reunião do Conselho Gestor	43
Figura 2	–	Reunião remota do Conselho Gestor.....	44
Figura 3	–	Campanha Feira Sem Sacola.....	51
Figura 4	–	Visita a obra em construção	54
Figura 5	–	Doação de cestas da agricultura familiar	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Representação da renda para os(as) produtores(as).....	57
Gáfico2	–	Renda Mensal dos(as) produtores(as).....	57

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Rede Xique Xique no RN	42
Mapa2	– Núcleo da Rede em Mossoró-RN	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Distribuição Territorial dos municípios de atuação da Rede	42
Quadro 2	–	Quadro produtivo do Núcleo Mossoró-RN	46
Quadro 3	–	Lista de produtos da agricultura familiar produzidos pela Rede Xique Xique.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID	<i>Corona Vírus Disease</i> (Doença do Corona Vírus)
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
CONFRACIMB	Conselho Fraterno das Comunidades Integradas de Mossoró e Baraúna
PDA	Programa de Desenvolvimento de Area
CFPJ	Curso de Formação Política da Juventude
C.A	Centro Acadêmico
DCE	Diretório Central dos(as) Estudantes
UNE	União Nacional dos(as) Estudantes
ENUNE	Encontro de Negros(as) e Cotistas da UNE
ONG	Organização Não Governamental
FPES	Fórum Potiguar de Economia Solidária
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
GT	Grupo de Trabalho
JUVESOL	Rede Nacional de Juventudes e Economia Solidária
UNIPAZ	Universidade Internacional da Paz
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNICAFES	União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária
CAPES	Central de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
PT	Partido dos(as) Trabalhadores(as)
EES	Empreendimentos Econômicos Solidários
P.A	Projeto de Assentamento
CF8	Centro Feminista 8 de Março
APT	Associação dos(as) Parceiros(as) da Terra
SECOM	Sindicato dos Comerciantes de Mossoró
MMM	Marcha Mundial das Mulheres
RESF	Rede de Economia Solidária e Feminista
COOPERXIQUE	Cooperativa de Comercialização Solidária Xique Xique
COOAFARN	Cooperativa Central da Agricultura Familiar e Economia Solidária

MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
PECAFES	Programa de Compras Públicas da Agricultura Familiar e Economia Solidária
FBB	Fundação Banco do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
CPT	Comissão Pastoral da Terra
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
DRAE	Diretoria Regional de Alimentação Escolar
SETHAS Social	Secretária de Estado, do Trabalho, Habitação e Assistência Social
COEPIR	Coordenadoria Especial de Promoção da Igualdade Racial

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO E PERCURSO HISTÓRICO DO PESQUISADOR.....	18
1.1	PERCURSO HISTÓRICO DO PESQUISADOR.....	20
1.2	DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
2	CAPÍTULO II: ASPECTOS GERAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, REDES DE COLABORAÇÃO E RELAÇÃO COM O CONSUMO SOLIDÁRIO.....	30
2.1	ECONOMIA SOLIDÁRIA <i>VERSUS</i> CAPITALISMO	31
2.2	REDES DE COLABORAÇÃO E A RELAÇÃO COM O CONSUMO SOLIDÁRIO.....	35
3	CAPÍTULO III: ESTUDO DA EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE EM MOSSORÓ-RN.....	39
3.1	O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	48
3.2	ACESSO AS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	49
3.3	O PAPEL DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS	50
3.4	MUDANÇAS NO MODELO DE PRODUÇÃO.....	52
3.5	MUDANÇAS OCASIONADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19.....	53
3.6	CONCEPÇÃO DE AGROECOLOGIA.....	55
3.7	ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA.....	56
3.8	EDUCAÇÃO POPULAR.....	57
3.9	GERAÇÃO DE RENDA.....	57
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO 1 (PRODUTORES(AS))	66
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 2 (CONSUMIDORES(AS)).....	69
	ANEXO A – FOTO DA BODEGA XIQUE XIQUE.....	70
	ANEXO B -PÁGINA DO SITE DA BODEGA XIQUE XIQUE.....	71

1. INTRODUÇÃO E PERCURSO HISTÓRICO DO PESQUISADOR

Para superar os atuais desafios que vivenciamos na sociedade Brasileira, precisamos ir além das nossas limitações diante das atrocidades de um governo neoliberal, genocida e fascista, que retrocede os direitos da classe trabalhadora através do desmonte das políticas públicas, posiciona-se claramente contra os direitos humanos e no contexto mais recente totalmente irresponsável com o apontamento científico internacional no que diz respeito a um dos maiores desafios enfrentados pelo mundo atual, pandemia da COVID-19.

Escrever este trabalho nesse contexto em que vive o Brasil é uma missão antes de tudo de luta e resistência, deste povo que fazemos parte que é classe trabalhadora, em sua maioria preta e periférica, que é quem mais vem sofrendo pelas barbáries do capitalismo.

É nítido que o capitalismo é um sistema hegemônico, identificado com constantes crises tanto econômicas, como políticas, gerando desemprego e exclusão na esfera global. Nesse contexto, os setores que mais são fragilizados são as classes populares que estão à margem da sociedade, necessitando de políticas públicas para conseguirem um mínimo de equilíbrio perante as atuais condições de possibilidade que o Estado oferece. Esta realidade desafiadora é reafirmada no retrato que a sociedade Brasileira vive em uma de suas maiores crises sanitárias, com um governo que não avança em seu plano de vacinação, enquanto os preços de produtos e serviços essenciais como alimentação, gasolina, gás etc., só aumentam e o salário-mínimo permanece desvalorizado.

Os capitalistas detêm os meios de produção e consequentemente o poder econômico e político, isso se manifesta em todas as esferas do poder, seja no município, estado e união, que são espaços esses, até hoje, ocupados na maioria das vezes pelas oligarquias, que se mantêm no poder através do capital financeiro e o clientelismo político.

Em contraposição a isso, a classe trabalhadora organizada, seja nos movimentos sociais, associações, cooperativas, clubes, grupos informais, redes, entre outros movimentos sociais que pautam uma sociedade mais justa e sustentável estão em constante resistência em defesa dos direitos dos(as) trabalhadores(as).

Para se dissertar sobre a nossa pesquisa precisamos pensar sobre a realidade em que estamos inseridos e como isso se relaciona com o caso estudado. É interessante reforçar que desde o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff (2016), o Brasil vive um cenário de retrocesso nas políticas sociais e desmonte de toda estrutura do Estado, flexibilização das leis trabalhistas e reformas impetradas pelo governo neoliberal de Jair Messias Bolsonaro (2018 – 2022).

No Brasil e no Mundo diversos grupos vêm se organizando, acreditando na coletividade e pautando outro modelo social e econômico que tenha como pilar sustentador a solidariedade e a cooperação, princípios esses basilares da economia solidária. Entendemos que a economia solidária no Brasil é muito mais que um campo de estudos, é uma prática social de emancipação dos sujeitos, uma outra economia que “rema contra a maré” do sistema capitalista, pensando a sociedade em suas dimensões sociais, políticas e econômicas de forma mais justa e igualitária e construindo ações concretas.

No Brasil, com o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) houve a criação da hoje extinta Secretaria Nacional de Economia Solidária dentro do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, que lançou diversas políticas públicas, entre elas, o fortalecimento das redes de colaboração, onde, as mesmas, promovem o desafio de comercializar com solidariedade, promover práticas de integração produtiva, geração de renda e autonomia socioeconômica e política.

No ano em que no Brasil se fortalecia as estratégias das redes de colaboração e demais políticas públicas de economia solidária, no mesmo contexto, surgia em 2003, o Espaço de comercialização Solidária e posteriormente, a Rede Xique Xique, uma rede de colaboração formada por agricultoras e agricultores familiares que hoje, em 2021, acumula 17 anos de atuação vem promovendo uma cultura contra hegemônica através da organização no associativismo/cooperativismo para produção, comercialização e consumo e/ou troca de produtos, bens e serviços, estando diretamente em 16 municípios do Rio Grande do Norte - RN, com reconhecimento no Brasil e pela iniciativa Equatorial.

1.1 PERCURSO HISTÓRICO DO PESQUISADOR

O presente trabalho por situar-se no campo das ciências humanas e sociais, fundamenta sua argumentação em Chizzotti (2000) quando fala que a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Neste sentido, o autor deste trabalho, oriundo do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, escolheu o tema deste trabalho com base em suas vivências e observações da realidade no seu percurso formativo. Para contar a trajetória do pesquisador utilizamos a partir de agora a primeira pessoa do singular, entendendo que essa é uma forma de melhor aproximar o(a) leitor(a) do pesquisador.

Jovem, negro, Mossoroense, inicio meu percurso formativo a partir da minha inserção numa organização de educação não formal¹, o Conselho Fraterno das Comunidades Integradas de Mossoró e Baraúna - CONFRACIMB², enquanto estive residente de uma comunidade rural de nome Baixa Branca³, localizada no município de Baraúna/RN, comunidade onde morei por 10 anos, depois voltei a morar em Mossoró no ano de 2012, cidade onde nasci e que me abriu aos caminhos que me encontro atualmente.

Atualmente, mesmo morando na zona urbana, acredito que posso definir-me como pessoa de princípios de vida camponesa, em virtude dos anos de vida na comunidade rural em que residi e com a formação popular e acadêmica que me foi possibilitada, isso indubitavelmente foram fatores que fortaleceram minha identidade camponesa. Tendo em vista isso, não poderia deixar de falar sobre o que veio antes deste trabalho de pesquisa.

Como sabemos, a realidade das/os estudantes do campo sempre foi desafiadora e na minha trajetória os desafios não foram poucos. Desafios como a distância e deslocamento das comunidades rurais para as escolas, seja no Ensino

¹ Segundo GOHN (2006, p.28) “a educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados a solução de problemas coletivos cotidianos, a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor, a educação desenvolvida na mídia, em especial a eletrônica.

² Conselho Fraterno das Comunidades Integradas de Mossoró e Baraúna foi organização social que trabalhava com formação política, educação popular e mobilização comunitária entre os anos 90 a 2012 com sede na comunidade rural de Jucuri em Mossoró/RN.

³ A comunidade Baixa Branca fica situada na divisa dos Estados RN/CE seu acesso se dá pela BR 437 e/ou pela RN 015.

Fundamental e no Ensino Médio. Minha comunidade ficava entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Quando estudei no Ensino Fundamental no Ceará, eram 12 Km de distância, já no Rio Grande do Norte, eram 40 quilômetros até a escola que ficava na zona urbana do município de Baraúna, o deslocamento se dava em péssimas condições em ônibus sucateados e estradas carroçáveis, que sempre atolavam ou quebravam o ônibus.

É interessante colocar que o meu viés comunitário vem de base familiar. Minha avó, Maria Carmelita (83 anos) e minha mãe Antônia Lucinete (48 anos), foram por muitos anos representantes comunitária no CONFRACIMB, que desenvolvia uma série de projetos sociais através do Programa de Desenvolvimento de Áreas do Jucuri - PDA Jucuri, apoiado pela Visão Mundial⁴, onde, fui me desenvolvendo nesse meio, participando das atividades dos projetos, me tornei representante comunitário e depois de um tempo fui educador voluntário num processo de multiplicação de lideranças com outros jovens, o Curso de Formação Política da Juventude – CFPJ, que foi uma proposta de formação teórica e prática com as temáticas de educação popular, pesquisa participante e intervenção comunitária.

O contato com as organizações sociais representa um dos pilares fundamentais de minha formação humana, social e política. Foi através da participação em atividades de arte-educação (capoeira, teatro, meio ambiente, saúde coletiva, música e poesia) e formação socio-comunitária que me interessei pelo campo da educação popular⁵ que se dava nos espaços não formais, relação que abordarei mais adiante.

Voltei a estudar em Mossoró, em 2012 na Escola Estadual Educandário Presidente Kennedy, onde, conclui o Ensino Médio. Me aprofundei em temas como participação, protagonismo, controle social, pesquisa participante, redes de colaboração que eram temas que faziam parte da formação e multiplicações dos conhecimentos que me foram possibilitados pelas vivências dos projetos do PDA Jucuri/Visão Mundial.

⁴ A Visão Mundial é organização cristã internacional de desenvolvimento e resposta às situações de emergências que trabalha pelos direitos e bem-estar de crianças e adolescentes no Brasil e outros 99 países.

⁵ Educação popular é um conceito que se populariza com a contribuição das obras e do método de Paulo Freire que propõe uma educação crítica que relacione teoria e prática, transformando os indivíduos e toda a sociedade. Essa concepção de educação nasce nas organizações populares do campo progressista, conforme abordagem de Freire e Nogueira (1993).

Após isso, no ano posterior, fiz uma seleção para o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) da Universidade Federal Rural do Semi Árido - UFERSA, o curso é uma proposta de formação construída pelos movimentos sociais, em especial o Movimento dos(as) Trabalhadores (as) sem Terra - MST, que pauta a importância de um projeto de educação popular e contextualizada. No caso da UFERSA, uma proposta voltada às comunidades camponesas do semiárido potiguar. Os temas de discussão deste curso, foram questões que já faziam parte do meu percurso formativo no CONFRACIMB e na Visão Mundial, o que possibilitou uma identificação imediata.

O ingresso na LEDOC me possibilitou adentrar num universo de novas possibilidades de estudos, pesquisa e vivências. Comecei a ver o mundo com outros olhos, sempre me percebi questionador, aprendi que refletir, problematizar e intervir em nossa realidade é fundamental para a transformação social, algo que só ampliou durante esses anos na UFERSA.

Na Universidade vivenciei muitas experiências durante a graduação, as quais foram essenciais no meu processo de formação e construção desta pesquisa, entre as quais, destaco, quando fui Presidente Fundador do Centro Acadêmico – C.A da LEDOC/UFERSA, que é órgão de representação estudantil e tem a missão de organizar as lutas sociais e estudantis, tendo sido responsáveis por conseguir solucionar ou mediar vários problemas relativos a permanência dos estudantes e andamento do curso que se iniciava no semestre 2013.2, tais como transporte, moradia e alimentação dos(as) estudantes.

Dentro do curso, logo me interessei pelas práticas pedagógicas realizadas em ambientes formais e não formais de ensino, como, intervenções comunitárias e tudo que envolvia o ensino, pesquisa e extensão, tendo atuado em alguns projetos e militado em diversas frentes, tais, como o Partido dos(as) Trabalhadores(as), o movimento estudantil na Kizomba⁶, onde, fiz parte de duas gestões do Diretório Central dos(as) Estudantes Romana Barros – DCE UFERSA, também pude participar como delegado de alguns congressos e bienais da União Nacional dos/as Estudantes – UNE e partindo do movimento estudantil, também ingressei no Movimento Negro através do Coletivo Nacional de Juventudes Negra – Enegrecer,

⁶ A Kizomba é uma frente de juventudes organizada em diversos estados brasileiros que vem há 18 anos atuando com o ideal da “nova cultura política” e realiza suas ações ocupando entidades estudantis como Grêmios e Diretórios Centrais dos(as) Estudantes – DCE’S.

onde, fortaleci minha identidade e pertencimento étnico racial e cultural e pude contribuir com a organização local e nacional de três edições anuais do Encontro de Negros/as e Cotistas - ENUNE. Também participei do II Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA, entre outros. Destaco estes congressos, encontros e seminários pois ampliaram meu conhecimento ao me aproximarem de diversas realidades, diversos campos de estudo, pesquisa e diversas formas de intervenção na realidade concreta.

Em 2014, ainda nos primeiros períodos da graduação, recebi um convite para participar da equipe de um projeto na Rede de Comercialização Solidária Xique Xique, uma rede que desenvolve ações relacionadas às temáticas do feminismo, agroecologia e economia solidária, oportunidade na qual, pude conhecer de perto todo este trabalho e contribuir em diversos projetos, eventos, formações, capacitações e intercâmbios que foram fundamentais ao meu processo de formação extracurricular e numa perspectiva transversal.

Foi durante a disciplina Estágio Curricular Supervisionado I, do currículo da LEDOC, cujo foco consiste na observação e intervenção socioeducativa em espaços de educação não formal (associações, cooperativas, sindicatos, ONG's, etc) que pude olhar para a Rede, com olhos de pesquisador e de um futuro docente. Durante o Estágio comunidade, através das observações, estudo teórico e sistematização das vivências do espaço, construí o projeto “Feira na Rua”, como culminância da Disciplina, o projeto foi executado pela instituição e continuou em outras edições.

O interesse pela pesquisa se intensificou durante a disciplina “Agroecologia e Economia Solidária” que compõe o currículo da LEDOC/UFERSA. Destaco ainda, a importância de ter me encontrado com diversos pesquisadores/as do mestrado e doutorado, que vinham realizar suas pesquisas junto à Rede Xique Xique, outro momento destaque é o meu encontro com o grande pensador e o maior referencial da economia solidária, Paul Singer (1900-2018), durante a III - Conferência Nacional de Juventudes (2015).

A Rede Xique Xique também me possibilitou a confiança política para representá-la em espaços diversos de articulação. Aos quais, pude participar de espaços do movimento de economia Solidária, como o Fórum Potiguar e o Brasileiro de Economia Solidária - FPES, entidade que acumula o conjunto de empreendimentos, instituições de apoio e fomento, movimentos sociais e gestores

públicos para debater e encaminhar as ações do movimento de economia solidária a nível estadual, regional e nacional tendo seus acúmulos encaminhados em plenárias nacionais. Fruto do acúmulo das organizações que iniciaram a discussão sobre economia popular e solidária durante o Fórum Social Mundial de 2001 em Porto Alegre – Rio Grande do Sul e desde então, vem construindo os caminhos do movimento, tendo realizado sua última plenária nacional em 2015, e atualmente o movimento vem se organizando para construir sua 6ª plenária em 2021.

Dentro do Fórum potiguar de Economia Solidária (que é a instância estadual do movimento), contribui diretamente na gestão em sua secretaria executiva e no Grupo de Trabalho (GT) de Juventudes, que aglutinou os esforços e vivências que me colocaram no processo de construção da Rede Nacional de Juventudes e Economia Solidária – JUVESOL.

A Rede JUVESOL, é uma articulação de juventudes e economia solidária, ao qual meu processo de aproximação se deu em encontro nacional em dezembro/2015, na Universidade Internacional da Paz – UNIPAZ em Brasília/DF, com a presença de Paul Singer (em memória), esta aproximação com JUVESOL, me fez ampliar o olhar sobre as potencialidades deste campo da economia solidária.

Participei também de importantes iniciativas como os espaços do Centro de Formação em Economia Solidária - CFES, com encontros realizados na Universidade Federal Rural do Pernambuco (UFRPE) no ano de 2014, em Recife/PE, ocasião na qual apresentei a instalação (experiência) pedagógica sobre a Rede, outro espaço que ainda considero que foi de fundamental importância para minha formação extracurricular foi a participação nos espaços de discussão das câmaras temáticas do Território⁷ da Cidadania Assú – Mossoró, espaço fundamental de formulação e monitoramento das políticas públicas.

Outro momento importante de minha formação mais recente foi a participação na equipe de um projeto que foi desenvolvido pela Rede Xique Xique, no tocando ao acompanhamento e elaboração de planos de negócios de 9 (nove) cooperativas da União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do

⁷ Segundo Dantas et. Al (2008) A discussão sobre território está presente em diferentes áreas do conhecimento científico, desde a Etologia, da qual surgiram as formulações iniciais sobre territorialidade, passando pela História, Ciência Política, Antropologia e Sociologia, até aportar na Geografia, na qual se constitui um dos conceitos básicos. Ao perpassar esses diferentes campos, o conceito assume uma enorme polissemia, posto que cada área sintetiza um enfoque a partir de uma determinada perspectiva (p.5).

Rio Grande do Norte – UNICAFES/RN, que me fez ter uma visão ampliada dos desafios que são enfrentados a nível de estado.

Concluindo um pouco a apresentação dos caminhos que percorri até aqui, considero que não poderia haver outro objeto mais próximo da realidade que vivencio, se não fosse a problemática que será apresentada abaixo. Todas as experiências foram basilares para o acúmulo formativo, sistematização deste conhecimento e formatação metodológica apresentada, onde, esperamos que os(as) leitores(as) se encontrem no tempo e espaço deste estudo de caso na Rede Xique Xique de Comercialização Solidária, numa tarefa de encontro da pesquisa com a prática desta organização comunitária

1.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Passamos então, a apresentar nosso objeto de estudo e metodologia, de modo que se possa compreender a nossa problemática e o caminho necessário para se chegar as considerações finais deste trabalho, a seguir apresentaremos algumas informações necessárias a compreensão da problemática e do objeto de estudo.

Em Mossoró - RN, desde o ano de 1999 vinha se fortalecendo práticas de inclusão produtiva das mulheres rurais, fortalecendo iniciativas como o grupo de mulheres Decididas a Vencer que no ano de 2003 inaugura o Espaço de Comercialização Solidária Xique Xique e posteriormente surge a Rede Xique Xique que nasce com os princípios da agroecologia, feminismo e economia solidária.

O foco de atuação da rede foi de trabalhar a produção, comercialização e consumo solidário com base em estratégias diversas como feiras, intercâmbios, capacitações e formações diversas. Hoje a Xique Xique está organizada em 16 núcleos (municípios) do Estado, como Mossoró, Baraúna, Pendências, Tibau, Grossos, Serra do Mel, Apodi, Felipe Guerra, São Miguel, Upanema, Governador Dixsept Rosado, Messias Targino, Janduís, São Miguel do Gostoso, Natal e Parnamirim, onde, cada um desse município constitui um “Núcleo” organizativo.

Para além de ações como feiras agroecológicas, da agricultura familiar e da economia solidária e feminista, os sócios(as) da rede participam de espaços de controle social e mobilização comunitária (conselhos, fóruns, etc.) e ainda organizam uma cooperativa de comercialização solidária que atende compras governamentais, feiras locais, uma bodega (ver anexo A) e ou outros dois espaços físicos de

comercialização, além das suas estratégias de *e-commerce*, tais como vendas por *WhatsApp*, sites e as rede sociais como *instagram* e *facebook*.

Essas estratégias vêm se viabilizando à 17 (dezesete) anos nesses 16 (dezesesseis) núcleos/municípios do RN, porém, para a o delineamento desta pesquisa foi analisado as experiências e os documentos do núcleo Mossoró (notas fiscais, relatórios e projetos), bem como realizando a aplicação dos questionários com 10% (Dez por cento) do público total de 50 participantes da dinâmica municipal.

Neste contexto, nos interessa compreender como a Rede Xique Xique promove a cultura do consumo solidário em Mossoró-RN, analisar a importância da organização comunitária para promoção de processos educativos. Buscou-se ainda compreender e analisar as estratégias para promoção da comercialização solidária, conhecer o perfil socioeconômico dos(as) produtores(as) e consumidores(as) e ainda considerar as implicações relacionadas ao período da pandemia (COVID-19).

Foram analisados diversos artigos e livros disponíveis nas plataformas, entre elas periódicos da CAPES, Google acadêmico e Scielo. Ainda serão aplicados questionários para coleta de informações com membros do município(núcleo) de Mossoró da Rede Xique Xique, sendo 6 (seis) produtoras/es e 6 (seis) consumidores das zonas rurais e urbanas de Mossoró-RN. Utilizamos da técnica de questionários por acreditarmos ser a ferramenta que seja mais adequada ao trabalho proposto, conforme vemos em GIL (2008);

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (2008, p.140)

Considerando as adequações necessárias a realização da pesquisa no contexto da pandemia da covid-19, alguns questionários foram aplicados através da ferramenta de comunicação instantânea, *WhatsApp* que permitiu a aplicação e gravação da coleta desse material com autorização prévia dos(as) participantes. Esta adequação foi necessária visando garantir a segurança dos(as) pesquisados(as) e do pesquisador, bem como, buscando adequar-se as orientações de pesquisa do momento atual.

O autor ainda considera que a discussão de sua pesquisa não teria outro método mais considerável para análise, se não, o método do materialismo histórico-dialético, como uma compreensão fundamental, pois conforme, Chizzoti (2000).

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade o investigador recorre à observação e a reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e a experiência atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado a sua vida. (Chizzoti, 2000, p.11)

Com base nisso, acredita-se que o presente trabalho dialoga com Chizzoti (2000) na perspectiva em que materialismo histórico-dialético pode ser entendido como um método de interpretação da realidade que mais se aproxima com as nossas discussões que tende a analisar processos de organização, formação, articulação de trabalhadores(as) em torno de experiências em constante transformação.

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas e culturais. (GIL,2008)

Essa perspectiva da dialética também diálogo com a proposição de realizar uma pesquisa com finalidade exploratória que segundo Gil (2008) têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Consideramos esta pesquisa trata de contribuições recentes sobre o seu objeto de estudo, com perspectivas que não foram exploradas em trabalhos anteriores, considerando seu recorte essencial para a compreensão da realidade, principalmente por tratar das implicações que ocorreram no processo decorrentes do da pandemia da COVID-19. Esta pesquisa que reforça a perspectiva de consumo solidário e a sua eficiência no processo de geração de renda de trabalhadores/as da agricultura familiar de base agroecologia em Mossoró/RN. Portanto, consideramos que a o carácter exploratório da pesquisa irá contribuir nos estudos da temática trazendo novas perspectivas a partir da experiência local.

Para Marx e Engels, a estrutura econômica (ou infra-estrutura) é a base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem determinadas formas de consciência social ou ideológica. O modo de produção da vida material é, portanto, o que determina o processo social, político e espiritual. Cabe ressaltar, entretanto, que essa relação infra-estrutura/superestrutura deve ser entendida dialeticamente. Não é uma relação mecânica nem imediata, mas se constitui como um todo orgânico, cujo determinante é em última instância a estrutura econômica. (GIL, 2008, p. 22)

Pesquisar sobre uma iniciativa que surge a partir do processo de organização da classe trabalhadora é algo que muito nos interessa. Acredita-se que para entender como essas estratégias estão se viabilizando é uma resposta que encontramos no materialismo histórico-dialético, que por fim, é a definição que mais nos contempla.

Em relação a ética do pesquisador segundo Nobre et al. (2017) sempre deve permear em seus estudos e, neste sentido, a transparência no que se refere à técnica de amostragem a ser utilizada evidencia uma dimensão do rigor da investigação científica, garantindo sua validade e confiabilidade pela comunidade científica, nossa pesquisa será pautada por esta rigorosidade ética-científica na medida que os delineamentos serão bem estruturados.

Nossa abordagem se dará no campo da pesquisa qualitativa por compreender que é um dos caminhos mais adequados para tratarmos do nosso problema de pesquisa e ainda visando o melhor tratamento e análise dos dados coletados pela pesquisa e em diálogo com o método do materialismo histórico-dialético, iremos nos amparar na perspectiva de análise crítica do discurso, que conforme Fairclough (2016), quando fala das tecnologias discursivas;

As tecnologias discursivas estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem, discurso e poder. Elas são planejadas e aperfeiçoadas com base nos efeitos antecipados mesmo nos mais apurados detalhes de escolhas linguísticas do vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, entre outros, como também, a expressão fácil, o gesto, a postura e os movimentos corporais (FAIRCLOUGH, 2016, p. 276).

Portanto, consideramos que encontramos o melhor caminho metodológico para esta pesquisa, onde, consideramos que a fala desses que fazem parte do objeto estudado é essencial para compreensão do processo histórico e das estratégias que são desenvolvidas.

A análise de discurso deve ser idealmente um empreendimento interdisciplinar. Tal afirmação decorre da concepção de discurso que eu venho defendendo, a qual envolve um interesse nas propriedades dos textos, nos processos sociológicos de produção e interpretação de textos, na prática social em várias instituições, no relacionamento da prática social com as relações de poder e nos projetos hegemônicos no nível social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 288).

Evidencia-se que a análise do discurso crítica é a melhor forma de visualizarmos este trabalho, onde, abordamos um processo histórico, que passa por transformações com base no papel das instituições públicas e as relações de poder, seja pela mobilização dos indivíduos e/ou da relação de forças com toda sociedade.

Com isso, o presente trabalho está organizado em três capítulos, sendo o primeiro deles, esta Introdução, que traz uma abordagem inicial sobre o contexto do trabalho, percurso histórico do pesquisador, do objeto a metodologia e a estrutura do trabalho. O segundo capítulo trata de “Aspectos Gerais da Economia solidária, Redes de Colaboração e a relação com o consumo solidário”, que traz uma abordagem sobre os principais conceitos da economia solidária, com base na contribuição de Singer (2002), redes de Colaboração e o Consumo Solidária. Buscou-se trazer importantes reflexões sobre os conceitos e como vem se desenvolvendo seja a partir da legislação, políticas públicas e nas práticas cotidianas dos empreendimentos.

O terceiro Capítulo “Rede Xique Xique: uma experiência concreta”, traz o estudo de caso realizando, apresentando a história da rede e seus aspectos gerais, trazendo desde sua fundação aos desafios atuais, amparando nossa discussão em algumas categorias de análise que consideramos importante, tais como, organização sociopolítica, território, produção, comercialização e consumo, visando traçar um panorama geral de tudo que vem sendo desenvolvido nos últimos 17 anos e as potencialidades desta iniciativa. Por fim é apresentado os resultados da pesquisa com ênfase nas implicações que houveram devido ao contexto da pandemia da COVID-19.

2. CAPÍTULO II: ASPECTOS GERAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, REDES DE COLABORAÇÃO E A RELAÇÃO COM CONSUMO SOLIDÁRIO

Na sociedade capitalista, a desigualdade lhe é um atributo inerente e que tem como princípios básicos, a competição e o lucro. Os lucros que ficam para a elite (identificada como burguesia) enquanto a classe trabalhadora (ou operária) vende sua força de trabalho em troca de uma remuneração (salário).

Na maioria das vezes o trabalho no sistema capitalista é realizado em condições precárias e os direitos poucos são garantidos, o processo de produção se torna alienado e pouco contribui para a formação social dos sujeitos, como bem aprendemos com o Marxismo, sobretudo conforme afirma Barros (2011, p.239).

A reflexão sobre a “alienação” – o baixo ostinato de Marx na primeira fase de sua produção intelectual, mas também um tema que nunca o abandonará por completo – seria percorrida sucessivamente pelas críticas à religião, à política, à economia política, chegando finalmente à sua base fundamental, a crítica econômica ao sistema de trabalho no mundo capitalista.

No Brasil, a desigualdade social é um elemento presente em nossa realidade desde o período da colonização quando nossas terras foram invadidas pelos europeus, que escravizaram os povos, indígenas e negros, tendo em vista isso, até hoje a exclusão social é uma realidade imposta a classe trabalhadora.

Houve avanços significativos nas últimas experiências de governos democráticos populares, que compreendemos como as experiências dos governos do Ex-Presidente Lula (2003-2010) e da Ex-Presidenta Dilma (2011-2016). Avanços esses, como o acesso ao ensino superior, geração de renda, apoio à agricultura familiar e economia solidária, educação do campo etc., porém, mesmo com os avanços conquistados através de muita luta dos movimentos sociais, problemas como, a questão agrária e segurança pública estão longes de terem soluções concretas em nossa sociedade.

Algo que vem se exacerbando no cenário atual, onde, está em curso um governo com programa neoliberal e ultraconservador, que vem desmobilizando políticas públicas e direitos sociais e sem nenhum compromisso com a natureza e a classe trabalhadora. Este governo que vem promovendo um verdadeiro genocídio da população Brasileira através do desmonte do Estado, para entendermos este

cenário atual precisamos ir as raízes dos problemas gerados pelo sistema capitalista e abordar a perspectiva da economia solidária em contraposição a esse modelo hegemônico.

2.1 Economia Solidária versus Capitalismo

Dentre as diversas perspectivas de se tratar o tema da economia solidária, consideramos trazer uma abordagem mais atual, pensando seus principais conceitos e com um referencial que permita uma leitura acessível a diversos públicos leitores. Por isso, trazemos Singer, (2002) como uma das bases desta discussão no campo teórico e que posteriormente registrara uma importante contribuição no campo da execução das políticas públicas através de sua gestão à no Governo Federal.

A obra de Singer, (2002) “Introdução a Economia Solidária” inicia trazendo fundamentos para se pensar sobre economia solidária a partir da reflexão inicial sobre “Solidariedade versus Competição na Economia”, elementos que consideramos premissas básicas desta discussão.

O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos: cada produto deve ser vendido em numerosos locais, cada emprego deve ser disputado por numerosos pretendentes, cada vaga na universidade deve ser disputada por numerosos vestibulandos, e assim por diante (SINGER, 2002, p.7).

É fundamental compreender a narrativa sociopolítica e cultural hegemônica que o capitalismo nos impõe, tomando-o como na maioria das vezes, como algo natural, que torna a sociedade “naturalmente” competitiva e desigual. Singer, (2002) propõe a economia solidária como uma modelo que busca igualdade, algo que vai “contra a maré” do sistema capitalista.

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir (SINGER, 2002, p.9).

Com base nisso é reforçado o carácter da economia solidária que precisa ser uma tarefa coletiva para sujeitos(as) que entre si decidem por um modelo associativo para produzir, comercializar ou poupar, orientado por princípios coletivos e de autogestão e organização de iguais, tendo a solidariedade como sustentadora do modelo econômico.

A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões (SINGER, 2002, p.9).

Ou seja, o trabalho associativo e/ou cooperativo é essencial na economia solidária e para que isso se viabilize, o que mais chama atenção aos trabalhadores(as) é a diferença da relação capitalista “patrão X empregado” que não existe na perspectiva da economia solidária, onde, todos(as) possuem o mesmo papel e as decisões e/ou cargos são escolhidos coletivamente. É importante ainda reforçar ainda a importância do papel do Estado para fomentar práticas de economia solidária.

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos, são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desse princípio une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto exige mecanismo estatais de redistribuição solidária da renda (SINGER, 2002, p.10).

Para o sucesso da modelo econômico e produtivo que se propõe a economia solidária, a formação e a identidade com os princípios é que vai garantir o sucesso das iniciativas, pois, só assim os(as) trabalhadores(as) entenderam o potencial que está em suas mãos. Com isso, acreditamos que a economia solidária não deve andar deslocada do papel da educação, que é fundamental para a formação e potencialização da consciência da classe trabalhadora. Neste sentido, a educação popular através das contribuições deixadas pelas obras de Paulo Freire nos traz um caminho para seguir através de suas reflexões. Freire e Adriano (1993, p.19) entendem que:

[...] A educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira “definição” eu a aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política.

Com base nesta passagem, podemos compreender que sem o processo de formação da consciência amparado num projeto de educação popular, não é possível emancipar os(as) trabalhadores(as), pois, a educação é “chave” para mudança estrutural da sociedade. Entendemos então que a economia solidária se insere como uma alternativa concreta de transformação da sociedade em que vivemos e ainda segundo Arruda e Mariany (2013) os princípios fundamentais da economia solidária têm suas origens históricas enraizadas na gênese do próprio movimento socialista.

Um importante marco de organização dos movimentos sociais com a pauta da economia solidária no Brasil, segundo Nagem e Jesus (2013), foi acúmulo de várias organizações e movimentos nas experiências que partiram do 1º Fórum Social Mundial (2001) realizado em Porto Alegre – RS, que em suas atividades propôs a oficina “Economia Popular e Solidária e Autogestão” que recebeu um público de aproximadamente 1.500 pessoas e definiu a necessidade de organizar a economia solidária se articulando com experiências internacionais, com isso, se tornando um marco que consideramos bastante importante para o movimento.

O papel do Estado para a promoção de uma outra economia é indispensável, considerando a injusta divisão dos meios de produção, onde, a classe trabalhadora é mais afetada por não dominar esses meios, com isso, exige-se a importância do fomento do Estado a essas práticas econômicas, algo que começa a se constituir no Brasil a partir de 2003.

O Brasil começou a construir uma política pública federal de economia solidária no ano de 2003 com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária dentro do Ministério do Trabalho e Emprego. Nesse momento, foram feitas duas opções claras, a de que a economia solidária não é uma política da assistência social, apenas para os excluídos, e a de que, sendo assim, ela se conforma como uma alternativa de organização do trabalho, pautada na democracia, e que aponta para outro modelo de desenvolvimento (GONÇALVES; MASCARENHAS, 2017, p.134).

É importante destacar que a política nacional de economia solidária se viabiliza através da criação da hoje extinta Secretaria Nacional da Economia Solidária - SENAES dentro do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, isso, foi resultado da auto-organização do movimento de economia solidária através da criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária⁸ e da contribuição do Partido dos(as) Trabalhadores(as) – PT, Segundo Nagem e Silva, (2013), conforme podemos observar.

Outra força social que conferiu uma importância significativa para que a economia solidária se constituísse nacionalmente enquanto uma “marca política” foi o Partido dos Trabalhadores (PT). Até 2003, todas as experiências de políticas públicas estaduais e municipais de economia solidária haviam sido implementadas pelo PT (SILVA, 2010). A própria origem do termo economia solidária surgiu no programa de campanha do partido nas eleições municipais para a prefeitura de São Paulo, em 1996 (COSTA, 2008). Esse reconhecimento do PT foi crucial, já que o país entrava em um momento de mudança de governo em 2003, quando tomou posse o presidente eleito Luis Inácio Lula da Silva. (NAGEM; SILVA, 2013, p.165)

É inegável a contribuição histórica do PT para a construção e fortalecimento da política pública de economia solidária no Brasil. A construção da política pública de economia solidária foi um importante reconhecimento deste campo enquanto alternativa e direito a uma outra lógica de trabalho e consequentemente outro modelo de desenvolvimento, onde, diversas experiências coletivas de trabalhadores(as) tiveram seu trabalho reconhecido e incentivado.

Esses avanços na política pública sofreram bastante retrocesso nas gestões posteriores a da Presidenta Dilma, representado principalmente na perca da SENAES, enquanto uma secretaria estratégica do MTE que passou por vários formatos administrativos, sendo reduzido seu tamanho, equipe e orçamento até a estrutura atual, algo que inviabilizou a continuação de muitos projetos. No entanto, mesmo com os retrocessos, as experiências de economia solidária, em especial as redes continuaram em resistência.

⁸ O Fórum Brasileiro de Economia Solidária nasce do acúmulo do Grupo de Trabalho – GT instituído na oficina do Fórum Social Mundial realizado em 2001. Segundo Nagem e Jesus (2013) fora realizado a I Plenária Nacional da Economia Solidária que definiu por criação de uma instancia nacional que posteriormente encaminharia um documento com diretrizes de políticas públicas para o início do governo Lula em 2003.

2.2 As Redes de Colaboração e a relação com o Consumo Solidário

No Brasil, com a crise do trabalho assalariado nos anos 1990 e o avanço das experiências dos Empreendimentos Econômicos Solidários – EES, que emergiam como estratégia de organização e luta, novos desafios foram sendo observados, como apontado pelos autores abaixo.

Em nosso país, os diversos empreendimentos de economia solidária (EES), iniciaram sua atuação de maneira autônoma no tecido social, sugerindo uma ampliação da ação coletiva. Essa ampliação ocorreu porque os atores envolvidos se deslocaram de contextos de extrema vulnerabilidade social para o campo do trabalho associativo e para o campo da política formal, buscando na ação coletiva os meios de sobrevivência e os recursos para o desenvolvimento de políticas públicas próprias para o setor (Gaiger, *apud* LOCKS; GUGLIANO, 2013, p. 41)

A organização em redes colaborativas, foi um importante passo para consolidação de iniciativas, onde, conforme Locks e Gugliano (2013) estando agrupadas pela identidade e o pertencimento do território e das territorialidades em que estão inseridas. É interessante destacar o contexto em que as redes de colaboração solidária se tornam uma alternativa viável de desenvolvimento sustentável, conforme Mance, (2002, p.04).

No final dos anos 90, a integração solidária em sistemas de rede de todo esse acúmulo de práticas bem-sucedidas converteu a economia solidária em uma opção de desenvolvimento sustentável, centrada na geração de postos de trabalho e na distribuição de renda, em contraposição à lógica estrutural de concentração de riqueza e de exclusão social, típicas do capitalismo globalizado.

Esse contexto nacional fez com que, organizações que lutavam pelo interesse dos(as) trabalhadores(as) passarem a acumular experiências histórica de organização produtiva e comercial, onde, segundo Mance (2002).

[...] Nas últimas décadas, redes socioeconômicas começaram a ser organizadas, articulando processos colaborativos de financiamento, produção, comercialização, consumo e desenvolvimento tecnológico potencializando as práticas de economia solidária em seu conjunto (MANCE, 2005, p. 3-4).

Com as redes de colaboração solidária, um novo paradigma de organização foi alcançado, ao consolidar-se enquanto estratégias para o desenvolvimento sustentável do campo e da cidade. Essas iniciativas nasciam organizadas nas bases locais e na maioria das vezes construindo circuitos de interações curtos e médios com base nos princípios e a prática do trabalho associativo.

Quando redes deste tipo são organizadas, elas operam no sentido de atender demandas imediatas da população por trabalho, melhoria no consumo, educação, reafirmação da dignidade humana das pessoas e do seu direito ao bem-viver. Ao mesmo tempo, elas combatem as estruturas de exploração e dominação responsáveis pela pobreza e exclusão. E, igualmente, começam a implantar um novo modo de produzir, consumir e conviver em que a solidariedade está no cerne da vida. (MANCE, 2005, p.4)

Diante da sociedade que vivemos, as estratégias das redes solidárias se consolidam como um enfrentamento direto ao sistema capitalista, a partir do momento em que conduz o processo de produção e comercialização numa lógica não alienante, contrária ao que o capitalismo impõe (trabalho assalariado e flexibilidade de direitos). Nisso é importante que reforçar que nem todas as redes são solidárias, pois, também podem existir redes que visem apenas o lucro com a união de um maior a outros empreendimentos menores, diferente da rede solidária, onde, todos(as) estão em igualdade.

A produção é pensada em harmonia com a natureza e respeito ao meio ambiente, numa concepção agroecológica e numa lógica da soberania alimentar e nutricional e a comercialização com base em sistemas justos e solidários, outra categoria fundamental para a compreensão da cadeia produtiva na economia solidária é a dimensão do consumo.

O ato de consumo, portanto, não é apenas econômico, mas é também ético e político. Trata-se de um exercício de poder pelo qual efetivamente podemos apoiar a exploração de seres humanos, a destruição progressiva do planeta, a concentração de riquezas e a exclusão social ou contrapor-nos a esse modo lesivo de produção, promovendo, pela prática do consumo solidário, a ampliação das liberdades públicas e privadas, a desconcentração da riqueza e o desenvolvimento ecológica e socialmente sustentável. (MANCE, 2002, p.6)

Ou seja, a economia solidária precisa necessariamente pensar essas três dimensões iniciando com o processo de formação sistemática visando a produção, comercialização e consumo” pois, não há efetividade, se valoramos apenas algumas partes do processo e sim à uma necessidade se afirmar um outro modelo. Entende-se que para promover a mudança da sociedade é necessário romper com a logística do consumo alienante e exacerbado. Mobilizar a sociedade para o consumo solidário é uma questão estrutural, que nos demanda compreender o papel da educação e/ou o caráter educativo e pedagógico da economia solidária, conforme perspectiva amparada em Gadotti.

As práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultural que só a formação pode estabelecer. A economia solidária está fortemente ligada à necessidade de formação cultural. Trata-se de uma mudança profunda de valores e princípios que orientam o comportamento humano em relação ao que é e ao que não é sustentável. A eficiência econômica está ligada não só a valores econômicos, mas também a valores culturais das práticas solidárias (GADOTTI, 2009, p.33).

Gaddoti (2009) chama atenção sobre a importância da mudança estrutural na educação e cultura para a promoção da economia solidária. Nesta sociedade, que conforme nos ensinou Singer (2002) tomamos o capitalismo como algo natural é de suma importância a educação para cooperação, amparada em valores e princípios solidários para romper com o padrão cultural imposto.

A economia solidária, como uma forma cooperativa e não competitiva de produzir e reproduzir nossa existência, tem um componente educativo extraordinário. A educação para a cooperação e para a autogestão é necessária para formar as pessoas envolvidas em empreendimentos solidários a compreender sua empresa e administrá-la adequadamente. Não se pode entrar numa cooperativa com uma mentalidade capitalista (GADOTTI, 2009, p.35).

Ainda em Gadotti (2009) analisamos uma abordagem fundamental sobre o que ele vai chamar de educação para o consumo, que é uma crítica ao capitalismo, por criar uma sociedade alienada de consumo exacerbado. Com isso, sem um amplo processo de rompimento com os ideais e valores capitalistas, as experiências solidárias não terão êxito em sua empreitada.

O mercado capitalista é totalmente diferente do mercado solidário. Como costuma dizer Paul Singer “o mercado existiu bem antes do capitalismo e continuará existindo depois do capitalismo”. O mercado, em si, não é hostil à economia solidária. Um mercado socialista precisa ter um bom preço, ser eficiente, como também precisa ser ético, não explorar as pessoas, não ser desleal. (GADOTTI, 2009, p.37)

Nesta perspectiva é fundamental se ter uma articulação que interligue as diversas dimensões do processo formativo com a produção, comercialização e consumo pois, para que se haja uma boa ligação com o público consumidor é de suma importância que o mercado solidário detenha tais atributos que refletimos em

Gadotti que são: “bom preço, eficiência, ética e lealdade”, que são atributos que encontramos nas experiências.

A economia solidária ao longo dos seus anos de desenvolvimento no campo teórico e prático precisou de muitos acúmulos para chegar aos avanços que temos hoje. Essa preocupação sobre o consumo é um aspecto fundamental, pois, sem mudanças estruturais e promoção de iniciativas concretas, a base de consumo de uma sociedade capitalista não muda.

Para quem acredita na liberdade do comércio, basta saber que aproximadamente 80% das transações do comércio internacional são realizadas pelas 200 maiores companhias transnacionais e suas filiais espalhadas pelo mundo. Esse dado já é suficiente para compreendermos que a dita liberdade é uma grande ilusão e que a lógica do sistema capitalista fundamenta-se muito mais na concentração e na eliminação da concorrência do que na promoção de empresas e do comércio local (BADUE et al, 2005, p17-18).

Quando se propõe um amplo processo de reflexão sobre os produtos e serviços que consumimos na sociedade capitalista, nos deparamos com modelos e práticas desiguais e exacerbadas. Pensar a ideia de consumo responsável, segundo Badue et al (2005) é a capacidade de cada pessoa ou instituição, pública ou privada, escolher bens e serviços, de maneira ética, para melhorar a qualidade de vida de cada um/a sociedade e do meio ambiente.

Compreendemos que as redes de colaboração solidária representam estratégias de fortalecimento de sujeitos coletivos que se unem com sua diversidade e possuem uma missão em comum, produzir e comercializar numa lógica do bem-estar social em contraponto ao sistema capitalista desigual. É nítido que uma das principais estratégias do capitalismo é o consumo, que é motivado a acontecer de forma exacerbada e sem compromisso com a natureza, onde, as pessoas são influenciadas seja pela mídia, imprensa e porque não dizer, também, pela escola e o meio social.

Nesse sentido, pensar o consumo sob uma perspectiva solidária é um paradigma que vai contra os ideais de consumo capitalista, pois, compreende-se que a produção deva estar em harmonia com a natureza e a comercialização com valores e princípios solidários e não competitivos. Por fim, consideramos o consumo solidário como uma tarefa imediata que envolva produtores(as), consumidores(as) que estejam coletivamente comungando deste ideal, de modo que com base nas

suas práticas possam incentivar outros indivíduos e organizações públicas e privadas.

CAPÍTULO 3: ESTUDO DA EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE EM MOSSORÓ-RN

No mesmo contexto em que se fortalecia no Brasil uma série de iniciativas buscando um processo de inclusão produtiva dos(as) trabalhadores(as) do campo e da cidade, surge em 1999 o Grupo de Mulheres “Decididas a Vencer” localizado no Projeto de Assentamento – P.A Mulunguzinho em Mossoró/RN que é um território potencialmente produtivo às práticas da agricultura familiar.

Esse grupo de mulheres era beneficiado pelo assessoramento de entidades de apoio e fomento como o Centro Feminista 8 de Março -CF8, Visão Mundial e Centro Terra Viva. Para além desse processo de fortalecimento da inclusão produtiva, essas mulheres participavam de processos de formação sobre temáticas diversas como agroecologia, feminismo, organização, mobilização comunitária e participação social, entre outros temas.

Com isso, as mulheres desse grupo passaram a comercializar seus produtos em cestas agroecológicas para um grupo de consumidores(as) que passaram a constituir uma associação informal. A Associação dos(as) Parceiros(as) da Terra – APT, foi um grupo informal de produtores(as) e consumidores(as) que demandavam a produção do Decididas a Vencer, com isso, a comercialização passou a acontecer nas garagens das instituições que apoiavam estas iniciativas, eliminando a presença do atravessador. As cestas agroecológicas eram entregues para consumidores(as) que passaram a construir uma relação de confiança com os(as) produtores(as).

Com o crescimento da demanda, vai se identificando a necessidade de criação de um espaço fixo de comercialização solidária, com isso, em 2003, surge o “Espaço Xique Xique” que aglutinou a produção de cerca de 50 outros grupos que tinham necessidades parecidas de eliminar os atravessadores e escoar a produção. Esses grupos eram oriundos majoritariamente de agricultores(as) familiares de cidades vizinhas como Apodi e Tibau e ainda produtores(as) do Ceará, através da parceria com a Visão Mundial.

No processo de organização para inauguração do espaço, iniciou-se a discussão sobre como seria feita a gestão. Neste sentido começa a ser discutido, os

princípios e valores que iriam nortear a organização e que foram amplamente problematizados e debatidos, até se chegar na definição da "Carta de Princípios", que é o documento que traz a identidade política e orienta as ações até os dias atuais. Neste sentido, todos(as) que passassem a integrar a rede, devem estar cientes e serem adeptos destes princípios, conforme observamos abaixo;

A Rede de Comercialização Solidária é fruto de um amplo processo de construção coletiva, com a contribuição de um conjunto de organizações da sociedade civil que atuando em diferentes áreas, luta pela autonomia e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo e da cidade. Dessa *maneira temos como princípios*: Uma nova economia que tem na solidariedade seu pilar sustentador; Que o financiamento, a produção, a comercialização e o consumo devem se distanciar de todas as formas de exploração do trabalho; Valorização do trabalho das mulheres e jovens, respeitando suas diferenças sem gerar desigualdade de gênero e geração; Tratando da produção agropecuária devem ser observados os princípios da agroecologia; A educação para o consumo ético objetivando o estabelecimento de relações de parceria entre consumidores e consumidoras, produtores e produtoras; Os produtos comercializados serão avaliados por um processo de certificação participativa que envolva produtores e produtoras, técnicos e técnicas, consumidores e consumidoras, orientados e orientadas por este princípio. (REDE XIQUE XIQUE, 2003)

Observamos que desde o surgimento, a rede já deixa muito explicitado “há que veio trazendo questões fundamentais, que foram sendo desenvolvidas aos poucos dentro da própria rede em toda sociedade, como é o exemplo do processo de certificação participativa⁹ da produção orgânica que é um exemplo prático do quanto a carta de principais é um instrumento da práxis pedagógica da Rede. Uma ação que é executada em Mossoró e em mais outros dois núcleos, São Miguel no Alto Oeste e São Miguel do Gostoso no Território Mato Grande.

Essa ideia de rede é algo que se fortaleceu a partir da integração com outros grupos de produtores(as) que também eram atendidos pelas instituições que fomentaram a rede. Com isso, destacou-se cidades como Apodi e Tibau, numa

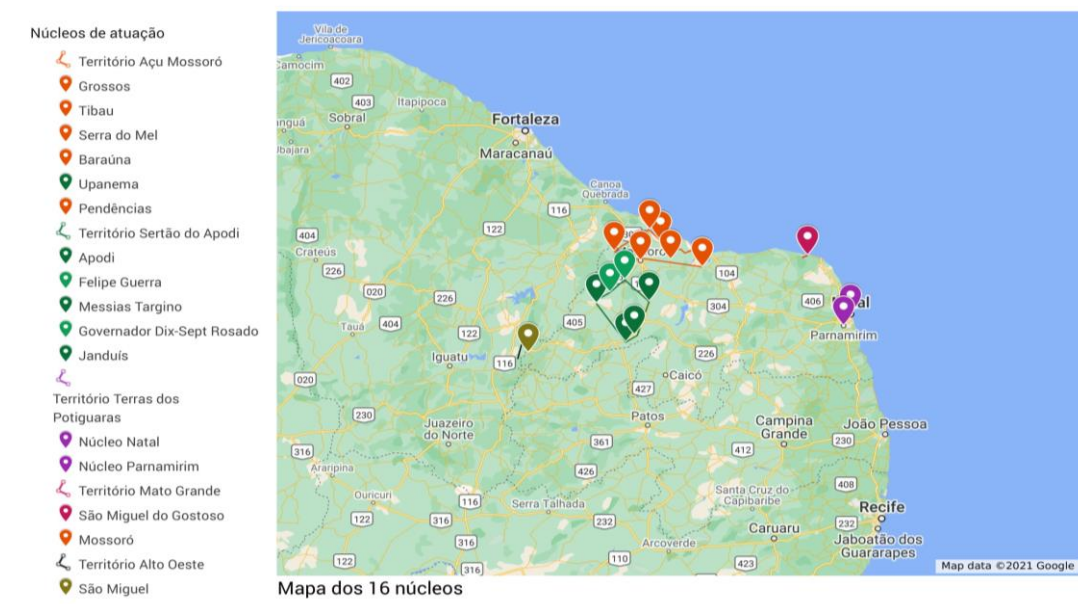
⁹ A certificação participa é um princípio que a Rede defende desde a sua fundação em 2003. É importante destacar que este é o mesmo ano em que estava sendo discutido e posteriormente foi aprovado a Lei dos orgânicos que reconhecia três formas de certificação da produção: OCS, Auditoria e Certificação Participativa. Desde 2019 a Xique Xique é credenciada enquanto Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica – OPAC no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, podendo certificar suas unidades produtivas que estão em conformidade com as normativas vigentes, estando atualmente com 20 produtores(as) certificados.

aliança que envolveu agricultores(as) familiares, pescadores(as), artesãos e apicultores(as).

A auto-organização dos(as) membros e autogestão de suas ações é algo que está na essência dessa proposta, com isso, quando o espaço se expande e vai se tornando uma rede de colaboração, com foco na comercialização solidária foi se percebendo a necessidade de organização por núcleos, que são municípios que contam com a presença do público que compõe a rede. Com isso, cada município constituiria um núcleo que teria sua dinâmica própria de organização, inicialmente muito voltada a participação e gestão das feiras agroecológicas e/ou da agricultura familiar. Isso, deve-se também a decisão de que não seria interessante que todos os municípios enviassem sua produção local para a sede em Mossoró, mas, que também fosse trabalho as feiras em seus próprios municípios envolvendo outros sujeitos.

Essa trajetória fez com que em 2004, fosse constituída legalmente a Associação de Comercialização Solidária Xique Xique, que passou a representar juridicamente os interesses da Rede. A associação teve um papel essencial nos primeiros anos de atuação da rede, possibilitando o fortalecimento de parcerias, execução de projetos e a organização da produção tendo a agroecologia como modelo norteador e o acompanhamento sistemático aos núcleos.,

Rede Xique Xique no RN



Fonte: elaborado pelo autor

Algo que é importante destacar ao observarmos os diversos núcleos que compõe a rede é a sua divisão espacial, é a proximidade de núcleos, num mesmo território. Neste momento, nos falamos dos territórios da cidadania, uma política do governo do ex-Presidente Lula (2003-2010) que a Rede teve um papel fundamental nos seus espaços de discussões e deliberações locais. Com isso, a rede vem fortalecendo nesses territórios, compreendendo suas potencialidades, desafios e a organização do conjunto de participantes.

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO DA REDE				
Território Assu-Mossoró	Território Sertão do Apodi	Território Mato Grande	Terras Potiguaras	Alto Oeste
Mossoró	Upanema	São Miguel do Gostoso	Natal	São Miguel
Baraúna	Apodi		Parnamirim	
Tibau	Felipe Guerra			
Grossos	Janduis			
Serra do Mel	Messias Targino			
Pendências	Governador Dix-Sept Rosado			

Fonte: Elaborado pelo autor

Atualmente a Rede está presente em 16 (Dezesseis) municípios do Rio Grande do Norte, conforme mapa acima. Os locais com pontos verdes no mapa representam o território Sertão do Apodi, os locais de pontos vermelhos, o Território Assú-Mossoró, os pontos lilás, o Território Terras Potiguaras, o ponto marrom, Território Alto Oeste e o ponto rosa é o Território Mato Grande.

A gestão da rede é pensada com base nas definições de dois conselhos. O conselho gestor que é formado por dois representantes de cada núcleo e reúne-se trimestralmente para discutir estratégias que serão desenvolvidas em um determinado período estabelecido. Do conselho gestor é eleito um outro conselho, o conselho diretor, que tem a função de deliberar as estratégias estabelecidas pelo conselho gestor e tomar decisões imediatas que dizem respeito ao interesse dos(as) membros(as) da Rede, abaixo podemos ver dois momentos distintos de reunião do Conselho Gestor.

Reunião Presencial do Conselho Gestor em 2019



Figura 1 - FONTE: Arquivo da Rede (2019)

Na foto observamos uma das reuniões do Conselho Gestor em 2019 na sede do Sindicato dos Comerciários de Mossoró – SECOM, uma organização que sedia seu auditório de reunião quando a rede precisava reunir um maior número de agricultores(as) que não comportava em sua sede, que anteriormente era ao lado do SECOM, reforçando também que a parceria com organizações diversas de representação da classe trabalhadora, faz parte da estratégia global da Rede.

Posteriormente, com a pandemia a organização passou-se a se preocupar em como garantir a participação social em tempos de pandemia, com um público que é majoritariamente da zona rural e com pouquíssimas condições de inclusão digital. No entanto, o que se observou foi o desejo que os(as) membros(as) tinham em se introduzir neste novo cenário em que se apresentou ferramentas de vídeo chamadas como única forma de permanecer se encontrando, com isso, as reuniões do Conselho Gestor e Diretor passaram a ser remotas, o ano todo (2020) conforme podemos observar na imagem abaixo.

Reunião Remota do Conselho Gestor

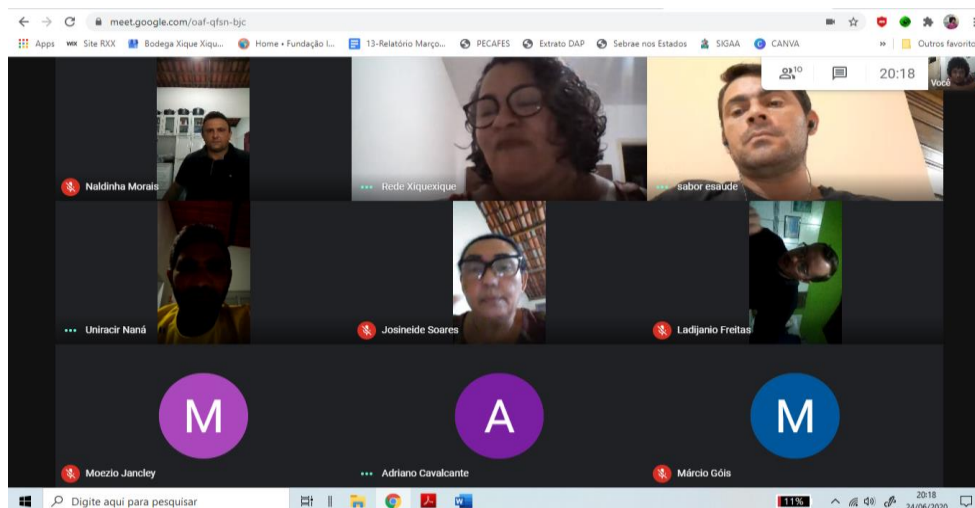


Figura 2 - Fonte: Arquivo da Rede (2020)

Para garantir a participação da maioria dos(as) membros(as) da Rede, foi realizado um processo de mobilização popular, de modo que precisou-se ensinar desde *Download* e/ou acesso aos aplicativos. As reuniões começaram a ter cada vez mais participantes, demonstrando o compromisso e envolvimento e a necessidade individual de se inserir neste processo remoto.

Se tratando da história desta rede, algo que chama bastante atenção é que desde o início e até os dias atuais a Rede é composta majoritariamente por mulheres, que estão em todos os setores dos empreendimentos, seja na produção, beneficiamento, comercialização e na direção (representando 90% do conselho diretor atual) e ainda nas triplas jornadas de trabalho, quando considera-se o trabalho doméstico e de cuidado da vida.

O protagonismo das mulheres na Rede também se dá em virtude da grande maioria das mulheres que são lideranças nos núcleos, fazerem parte do movimento feminista internacional Marcha Mundial das Mulheres, uma relação que potencializa com que as discussões locais estejam sempre alinhadas com as experiências de organização e mobilização no mundo inteiro.

Esta relação de muita afinidade com as pautas do movimento feminista internacional e em específico da Marcha Mundial das Mulheres - MMM é uma relação embrionária que está presente desde a raiz desta experiência. Pois, foi o atual Centro Feminista 8 de Março a principal instituição responsável pela formação em temáticas diversas que contribuíram para emancipação das mulheres com base no trabalho associado e na inclusão produtiva.

Este princípio do feminismo como uma das estratégias de fortalecimento desta rede, também possibilitou a participação da Xique Xique, que é uma rede estadual em outras redes de abrangência nacional, como a Rede de Economia Solidária e Feminista – RESF, que é uma articulação nacional que a rede local participa para fortalecer a comercialização e as temáticas feministas no campo da economia solidária.

Com o avanço e acúmulo de experiências com a comercialização, surge a necessidade de se discutir um instrumento que pudesse contribuir para que houvesse novos avanços no que diz respeito a questão comercial. Daí surge a necessidade de criação de uma cooperativa para escoar a produção em compras institucionais e outros possíveis mercados, com isso, a Rede passaria a ter essas duas formas legais de atuação, enquanto associação e cooperativa, ambas, Xique Xique.

Assim, surge a Cooperativa de Comercialização Solidária Xique Xique – COOPERXIQUE, em 2011. Se tornando o “segundo braço” jurídico da rede, que agora com dois braços jurídicos, sendo a associação para execução de projetos de apoio e fomento as iniciativas produtivas e organizacionais e a cooperativa com foco na organização para produção e comercialização.

É muito importante entender que por mais que juridicamente sejam duas identidades diferentes, mas, na prática não existe uma dicotomia entre “Rede e Cooperativa”, a organização em rede se fortalece com a organização dentro do cooperativismo, sem isso, não seria possível visualizar os resultados econômicos e comerciais e projetar melhores resultados aos agricultores(as).

Nisso observamos que a experiência de organização em redes na perspectiva da economia solidária também atravessa a caminhada da Xique Xique no cooperativismo a partir de sua entrada na Cooperativa Central da Agricultura Familiar e Economia Solidária – COOAFARN, que hoje se transformou na Federação das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – UNICAFES RN, organização estadual ligada a UNICAFES NACIONAL. Este alinhamento da cooperativa da Rede com a UNICAFES é uma parceria que vem dando certo, de modo, que as experiências trabalhem o acesso aos mercados, produção orgânica, organização social e participação social sejam repercutidas e compartilhadas em todos estado. Registrando importantes experiências como a exposição e comercialização dos produtos na Central de Comercialização da

Agricultura Familiar e Economia Solidária – CECAFES em Natal/RN e demais municípios da região metropolitana, fazendo com que a produção local chegasse a consumidores(as) da capital.

Essa pesquisa deteve-se ao estudo da problemática apresentada no Núcleo Mossoró, buscando identificar as estratégias para que pudéssemos chegar as nossas conclusões que chegaremos aqui, também podem ser facilmente verificadas em outros municípios da rede. O núcleo está localizado nas zonas rurais e urbanas do município e possui Empreendimentos nas seguintes cadeias produtivas Hortifrutigranjeiro, Apicultura, Beneficiamento e Serviços de Alimentação e Limpeza, conforme quadro e mapa abaixo;

Quadro produtivo do Núcleo de Mossoró/RN		
Comunidade	Cadeia Produtiva	Nº de Pessoas envolvidas
Pedra Branca	Hortifruti	4
Sítio Serra Mossoró	Hortifrutigranjeiro	4
P.A Boa Fé	Apicultura e Hortifruti	4
P.A Mulunguzinho	Apicultura, Hortifruti, beneficiamento	16
Bairro Nova Vida	Serviços de Alimentação e Limpeza	12
Bodega Xique Xique	Hortifrutigranjeiro, apicultura, entre outras.	5
Polo Jucuri	Hortifruticultura	5
Total		50 pessoas

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além do quadro de produtores(as), a rede envolve através de suas ações de promoção da comercialização solidária uma serie de clientes. Dentro da Xique Xique busca-se denominar os(as) clientes de buscadores(as), esses que passam a conhecer a rede e seu processo de organização e qualidade dos produtos e serviços oferecidos e passam a criar relações de confiança gerando benefícios duradouros para quem produz e para quem consome.

Para melhor visualizarmos, se formos observar a representação espacial do núcleo de Mossoró/RN, conforme mapa abaixo observaremos que a rede tem chegado a comunidades como P.A Mulunguzinho, P.A Paulo Freire, P.A Boa Fé,

3.1 O processo de integração com a Rede Xique Xique

Podemos perceber que os(as) membros(as) da Rede Xique possuem diversos processos de integração diferentes, onde a aqueles(as) que participam desde a fundação, que já foram integrados com base no seu processo de formação anterior e com isso, muitos permanecem até hoje em setores diversos, seja estando na base da produção e/ou a frente da direção dos processos. Nesta perspectiva damos ênfase as mulheres do grupo “Decidias a Vencer” que foram as fundadoras que estão até hoje fazendo com que a rede aconteça e potencializando a sua expansão.

É importante ainda destacar o protagonismo da iniciativa das mulheres em optar pela produção agroecológica num posicionamento que inicialmente gerou a necessidades de as mulheres atuarem como multiplicadores do conhecimento adquirido através das assessorias, conforme podemos perceber em trecho do questionário respondido por Francisca de Lourdes (2021).

[...] No início era pouco quando a gente começou a trabalhar o orgânico, depois nos já passamos para a agroecologia, por que, não era só o orgânico, tinha uma diversidade de coisas agregando e isso tanto para nós quanto para o público nos trouxe um avanço muito grande [...]

Há ainda uma preocupação com o processo geracional e a necessidade de inclusão da juventude nas iniciativas, em especial a juventude camponesa, onde, trabalha-se ara que as(os) filhas(os) dos associados(as) e cooperados(as) passem a se integrar na organização com base na sua experiência e quando se veem contribuindo com a produção.

Sobre isso reforça-se a o importante marco histórico, onde, no 10º (decimo) encontro anual da Rede, as juventudes presentes aprovam uma moção para que o tema das juventudes seja considerado prioritário nas ações que seriam desenvolvidas a partir daquele ano (2014). Esses temas sempre necessitaram andarem de forma articulada para que a realidade concreta pudesse ser transformada.

3.2 Acesso as políticas públicas

Para a Rede Xique Xique, o tema das políticas públicas sempre foi necessário para a formação e emancipação dos sujeitos. Principalmente por compreender que grande parte dos problemas encontrados no campo e na cidade são oriundos da falta e/ou deficiência de gestão. No campo houve avanços diversos, após muitas pautas foram absorvidas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (extinto em 2016), com isso, a rede foi crescendo neste cenário de participação social e políticas concretas que a auxiliaram a se concretizar.

Neste sentido, podemos afirmar que a rede tanto incentiva o controle social através do seu processo de mobilização constante nos núcleos e diálogo direto com o poder público, em especial as secretarias de agricultura e desenvolvimento rural dos municípios em que há diálogo e atualmente no governo do estado. Uma das políticas públicas mais acessadas é a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional da Agricultura Familiar – DAP/PRONAF, documento que confere a identidade a cooperativa da rede, afins de garantir, entre outras coisas, o acesso a participação em editais de compras institucionais, documento esse emitido pelo Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte/EMATER-RN.

Ainda tratando de política pública e do período atual, não poderíamos deixar de falar de programas fundamentais para o fortalecimento da agricultura familiar e economia solidária que é Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, e agora recente, ampliando esse processo através do Programa Estadual de Compras Públicas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – PECAFES, uma política pública que nasce com base na luta dos movimentos sociais e populares que pautaram o Mandato da Deputada Estadual Isolda Dantas – PT/RN, fazendo com que o Estado, através da gestão da Governadora Fatima Bezerra do PT/RN, sancionou assumindo sua responsabilidade comprando 30% da agricultura familiar e da economia solidária em suas chamadas públicas, seja da alimentação escolar, restaurantes populares e demais órgãos governamentais.

3.3 O papel das feiras agroecológicas

Em relação a compreensão sobre agroecologia nos debruçamos numa perspectiva contextual que a integrasse na perspectiva da educação do campo, tendo em vista isso, refletimos sobre o processo formativo que sendo realizado pela Rede com seus agricultores(as), sobre isso trazemos a seguinte perspectiva amparada no autor abaixo.

O conjunto das análises e reflexões construídas na pesquisa sobre o movimento da agroecologia em nossa sociedade revelam, entre outros aspectos, que os princípios da Educação do Campo e da Agroecologia correspondem à mesma matriz histórica social, constituindo esses movimentos dois campos de conhecimentos que têm em comum a luta pela terra e pela vida; o enfrentamento do agronegócio; o protagonismo das organizações e movimentos sociais e sindicais; outra concepção de educação; e a afirmação do projeto de desenvolvimento de campo com ênfase na agricultura familiar e na agroecologia popular. (SILVA & MIRANDA, 2015, p.351)

Logo, processos com as feiras agroecológicas, também são um processo de formação, conforme podemos ver que para os produtores(as) da rede, as feiras são o “coração” de todo este corpo. Pois, como a rede surge a partir de uma necessidade de comercialização, onde as feiras foram sua primeira estratégia e sempre foram muito presentes nas dinâmicas e foram se tornando um ato político a promoção da agricultura familiar de base agroecológica em Mossoró e nos demais municípios de atuação, sobre a importância da feira trazemos a fala de uma produtora.

Eu considero que é o nosso coração. Por que é nosso coração? Por que foi onde começou nossa articulação junto aos municípios e por que que as feiras é importante? Porque ela que da sustentabilidade diária aos agricultores(as), de você poder ter autonomia de montar, de ir para o seu município, de divulgar seu produto, a feira não é só a história do dinheiro, é uma relação de troca, é uma relação de identidade cultural de cada município (Francisca Eliane de Lima, 2021).

Para além disso, as feiras têm uma dimensão política e cultural de promover encontros, formações, intercâmbios entre quem produz e comercializa com quem consome, uma relação que fortalece a iniciativa, para além disso a feira pode propor processos educativos como campanhas de conscientização. Francisca Lourdes da Silva (2021) traz uma reflexão sobre isso abaixo;

[...] É um papel forte porque a feira agroecológica ela é procurada por toda sociedade. É uma coisa que todo mundo quer se alimentar bem, saber que está comendo um produto que é produzido sem agrotóxico, um produto que é produzido com amor. Porque a gente ama o que nos fazemos tanto para nossa alimentação quanto para alimentação do público. Então, isso é muito gratificante e trouxe um avanço muito grande. (Francisca Lourdes da Silva, 2021).

Na foto abaixo observamos o registro da campanha “FEIRA SEM SACOLA” que nasceu em virtude da necessidade que foi refletida internamente, onde, posteriormente a este processo a rede através de suas parcerias havia doado sacolas retornáveis afins de promover a conscientização e divulgação da experiência de comercialização. No entanto após alguns períodos alguns clientes deixaram de utilizar e demandavam as sacolas plásticas para a Rede poder entregar os produtos, com isso, surge a campanha como uma estratégia de refletir sobre este impacto.

Campanha Feira Sem Sacola



Figura 3 – Fonte: Arquivo da Rede (2019)

Na foto podemos ver as cestas agroecológicas sendo montadas em caixa de monoblocos, neste dia em questão todos(as) clientes que já conheciam o trabalho semanal da feira, sabiam que aquela semana não seria ofertado sacola de plástico, essa ação é algo que consideramos essencial e que pode se tornar uma ação educativa permanente.

As feiras agroecológicas foram as iniciativas que mais foi fragilizada devido a pandemia, no entanto, em Mossoró, o impacto foi menor, pela feira ser no espaço da

Rede, no entanto, registra-se que outros municípios tiveram que fechar seus espaços de comercialização e posteriormente precisaram aderir a formas de realizar entrega de seus produtos para poder comercializar. Nisso, o núcleo Mossoró também foi referência para toda a rede, sobre o papel das feiras refletimos na seguinte resposta de uma agricultora.

Podemos perceber que mesmo com as feiras tendo sido adequadas ao contexto da pandemia, elas não têm o mesmo sentido quando realizadas presencialmente, como antes. Por mais, que permaneça cumprindo seu papel de manter os canais que são demandados. Os(as) produtores(as) ainda veem sentido na função de mobilizar setores diversos da sociedade em torno da feira, da promoção dos alimentos saudáveis e do reconhecimento deste trabalho.

3.4 Mudanças no modelo de produção

As mudanças no modelo de produção talvez seja um dos primeiros grandes desafios que os(as) produtores(as) enfrentam desde o processo de fundação aos dias atuais, pois, com base na carta de princípios da Rede, para participar da rede é necessário optar pelo modelo defendido, ou seja, antes de tudo, é necessário estar disposto a abandonar o modelo convencional de produção com uso de agrotóxicos e aderir ao modelo de produção agroecológica, sobre essas mudanças no modelo de produção que as(os) agricultores(as) desenvolviam nos chamou atenção a resposta abaixo de uma agricultura que fez parte desde o início.

Foi um processo bem trabalho né, agente, nos, mulheres, que a gente participava das capacitações/reuniões, a gente já estava com uma mente bem instruída, a gente já sabia o significado do produto que era produzido com veneno, o que trazia de mal para nossa saúde. Mas, os nossos companheiros, já não tinham essa formação. (os nossos esposos, filhos maridos). Nós tivemos que trabalhar essas capacitações com eles, tratar e dialogar com eles, mostrar a importância e graças a Deus nos conseguimos. Isso trouxe um avanço grande, uma mudança enorme. Porque antes, a gente não tínhamos essa visão. Tanto fazia ser com veneno, como não ser porque a gente não sabia a importância do orgânico para nossa saúde. Hoje, a gente se sente feliz, em saber que o nosso assentamento quase não usa veneno (Francisca Lourdes da Silva, 2021)

Podemos perceber que o trabalho que foi desenvolvido com as mulheres influenciou toda família, ao passo em que houve resistência por parte dos homens que eram esposos e/ou filhos das mulheres produtoras agroecológicas. Esta multiplicação dos conhecimentos das mulheres, deve-se a formação popular ofertada pelo Centro Feminista 8 de Março (antigo Centro da Mulher) que é uma organização que até hoje atua com assessoramento aos grupos de mulheres organizadas.

Todos os questionários com produtores(as) apontam a Agroecologia como a base de todo processo, ainda é defendido pela rede como algo que traga integralização de todo ecossistema, buscando equilíbrio ambiental, igualdade de gênero e combate à violência contra a mulher.

Nos chama atenção a frase da produtora Francisca Eliane de Lima (2021) que comenta “Não adianta o produto ser livre de veneno, se este é sujo com o sangue das mulheres” esta afirmação reforça a compreensão da rede do papel estratégico da luta das mulheres para a sociedade e ainda reforçam o lema defendido pela MMM “Mudar a vidas mulheres para mudar o mundo”, algo que vem acontecendo com o processo de promoção da autonomia socioeconômica e política.

3.5 Mudanças ocasionadas pela pandemia da COVID-19

Para entendermos as mudanças ocasionadas devido a pandemia da COVID-19 na Rede Xique Xique, precisamos nos remeter ao ano de 2019, onde, a rede executou o projeto “Mulheres em Rede¹⁰” que entre outras coisas, previa a construção de espaço de múltiplo uso, onde, funcionaria a Bodega Xique Xique e um espaço de referência em tecnologias sociais, como o Reuso de Água cinza, Energia solar e Casa de Sementes Crioulas. Em dezembro de 2019, aconteceu a visita dos(as) associados(as) e cooperados(as) da Rede a obra do espaço que estava sendo construído. Isso aconteceu no último encontro anual que houve presencialmente, antes do início da pandemia.

¹⁰ O projeto “Mulheres em Rede” foi executado pela Rede Xique Xique com apoio da Fundação Banco do Brasil – FBB e ONU Mulheres, com início em fevereiro de 2019 e finalização em maio de 2020.

Visita a obra em construção



Figura 4 – Fonte: Arquivo da Rede (2019)

A mudança de endereço iniciou em fevereiro e previa-se a inauguração para o final de março de 2020, que foi o mesmo período do surto pandêmico da COVID-19, período em que se iniciam os decretos orientando o isolamento social e as medidas de proteção, como uso de máscara e álcool gel. Neste contexto, a rede precisou se reinventar, assim como a grande maioria da sociedade que precisou de adequar ao novo período.

Uma das grandes mudanças, seria em uma das principais estratégias da rede que são as feiras agroecológicas que com a necessidade do isolamento passariam a perder clientes, que estariam seguindo os decretos e medidas de proteção. Este foi um desafio duplo, pois, a rede precisava atrair os clientes antigos para seu novo endereço e com a pandemia o desafio foi colocado. Este desafio teve como alternativa o uso de serviços externos de entregas, como a empresa Bee Delivery.

A rede ainda não tinha aderido a um sistema de entrega, isso, porque antes da pandemia, trabalhava com a ideia de motivar os(as) clientes a irem até a feira agroecológica. Por entender o espaço da feira como propício para trocas de conhecimentos entre produtores(as) e consumidores(as), se constituindo um espaço de formação, sobre isso, os (as) consumidores(as) entrevistados(as) afirmam que a

principal mudança que eles sentiram com a pandemia foi de ter que adaptar ao espaço de compras virtuais, como o site (ver anexo B).

Sobre o processo de envolvimento dos consumidores(as) e como sentiram o impacto da pandemia, nos debruçamos com as seguintes reflexões, muitos consumidores(as) conheceram a Rede pelo seu trabalho de divulgação e por um processo de multiplicação voluntária, onde, podemos observar que dos 6 (seis) consumidores(as) que responderam o questionário 4 (quatro) deles foi por meio de indicação de amigos(as) e outros 2(dois) responderam ter sido por meio das redes sociais.

3.6 Concepção de agroecologia

Conforme podemos observar nos questionários dos produtores(as) há uma compreensão geral sobre a dimensão da agroecologia dentro da Rede Xique Xique, resultado de um processo sistemático de formação. Neste sentido, a rede acumula um conjunto de acúmulos que delineiam seu saber e que está em constante transformação. Uma produtora se remete ao modelo de produção como algo do passado “vivido lá atrás”, conforme podemos ver no trecho abaixo.

Eu entendo que agroecologia é a base porque a gente precisamos desta visão na mente que viver, o que vivemos para trás, não queremos mais, nem para nós e nem para nossa família. As mulheres foram capacitadas pelas instituições, o Centro da Mulher foi a meta principal, aí vem a rede com a visão da agroecologia e o bem da estar das famílias, a agricultura familiar, que é uma coisa que envolve todos(as), pai, mãe e filha. Então é uma capacitação geral para família. (Francisca Lourdes da Silva, 2021)

A agricultora entende a agroecologia como uma responsabilidade social com a produção de alimentos saudáveis e com toda família na dimensão da valorização da vida, do trabalho, das cadeias produtivas, do processo de formação e multiplicação e principalmente em relação a soberania alimentar e nutricional. Segundo Caldart et. Al (2012) a agroecologia foi definida por Altieri(1989), na primeira publicação mais sistemática sobre o tema, como as bases científicas para uma agricultura alternativa. Como ciência, a agroecologia emerge de uma busca por superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado, cartesiano em favor de

uma abordagem integralizada. Neste sentido, é um conceito em constante reinvenção feito pelos agricultores(as).

3.7 Economia solidária e feminista

A economia solidária é entendida pelos produtores(as) como o melhor modelo que se apresenta para o processo de comercialização e não apenas para isso. Algo que a Rede busca é garantir a subsistência das famílias, então neste sentido só é comercializado a produção excedente.

Percebe-se o potencial que vai para além das unidades produtivas relacionadas as cadeias de produção hortifrutigranjeiro, beneficiamento de polpa de frutas pois, na economia solidária outros sujeitos da cidade se aglutinam, onde, podemos perceber as cooperativas de serviços de alimentação, limpeza, confecção e costura etc, podemos perceber uma preocupação dos produtores com a oferta de produtos e serviços de excelência como uma diferenciação proposta pela economia solidária conforme vemos abaixo.

A economia solidária para mim é aquela questão de você, é, não exploração dos seus consumidores, você procurar ter um produto que todo mundo tenha acesso, não pensar só na questão do dinheiro. Mas, na satisfação dos seus clientes (Giomar Neves Lopes, 2021).

Analisando os discursos de qualquer um dos(as) produtores(as) podemos ver que a formação de base é a mesma e que é sistemática. Ao aponto de que se proponha uma compreensão coletiva, onde, todos/as são parte e como mencionado por Francisca Lourdes da Silva (2021) todos(as) falem a mesma língua.

Eu antes produzia, antes deu trabalhar, com, com a rede, eu produzia e saia vendendo em Mossoró. Eu não fazia polpa, eu fazia doce, assim como hoje ainda. Ai o povo botou na minha cabeça “ome faça polpa” e respondia mais eu não tenho material para me fazer polpa. Ai a Rede me emprestou a máquina e depois eu comprei uma despolpadeira. Pronto, ai comecei a fazer. Ai além da renda vendo em algumas casas famílias. Tenho ai na rede, toda semana de 15 em 15 dias e agora do ano passado pra cá, estamos vendendo bastante, agradeço muito a Deus e a Rede (Rosangela Maria, 2021).

Percebemos nesta colocação que a economia solidária cumpre uma função de encorajar seus participantes a fortaleceram sua autonomia socioeconômica a

partir do seu trabalho associativo/cooperativo e trazendo o apoio e fomento necessário para que as experiências se fortaleçam.

3.8 Contribuições da educação popular e mobilização comunitária

É nítido que parte da eficiência do trabalho executado pela rede se dá em virtude da sua preocupação com o processo de formação dos(as) participantes. Na qual, observa-se que as contribuições da educação popular são fundamentais. Pois, sem um processo de educação popular e contextualizada que promova o encontro dos saberes populares com os conhecimentos científicos, afins de promover estratégias, técnicas e tecnologias capazes de superar as dificuldades que são encontradas, sobre isso trazemos a resposta de uma produtora.

Eu acho que é importante porque a gente se sente bem, é a nossa língua, nossa fala que a gente está ouvindo e entendendo. Não adianta um formado falar lá a língua dele sem a gente entender, nós queremos é isso mesmo, nós falar, nós trabalhar (Francisca Lourdes da Silva, 2021)

Isso reforça a perspectiva defendida pela rede, onde, neste sentido as contribuições da pedagogia Freireana e dos conhecimentos da educação popular são imprescindíveis. Uma formação que valorize o potencial da comunidade, seus símbolos, sua identidade cultural e o seu modo de trabalho. Podemos ainda afirmar que a Rede com sua experiência vem construindo os caminhos de sua própria práxis pedagógica que é fruto de um processo histórico de formação da consciência da classe trabalhadora e que continua perpetuando novas oportunidades no campo e na cidade.

3.9 Geração de renda

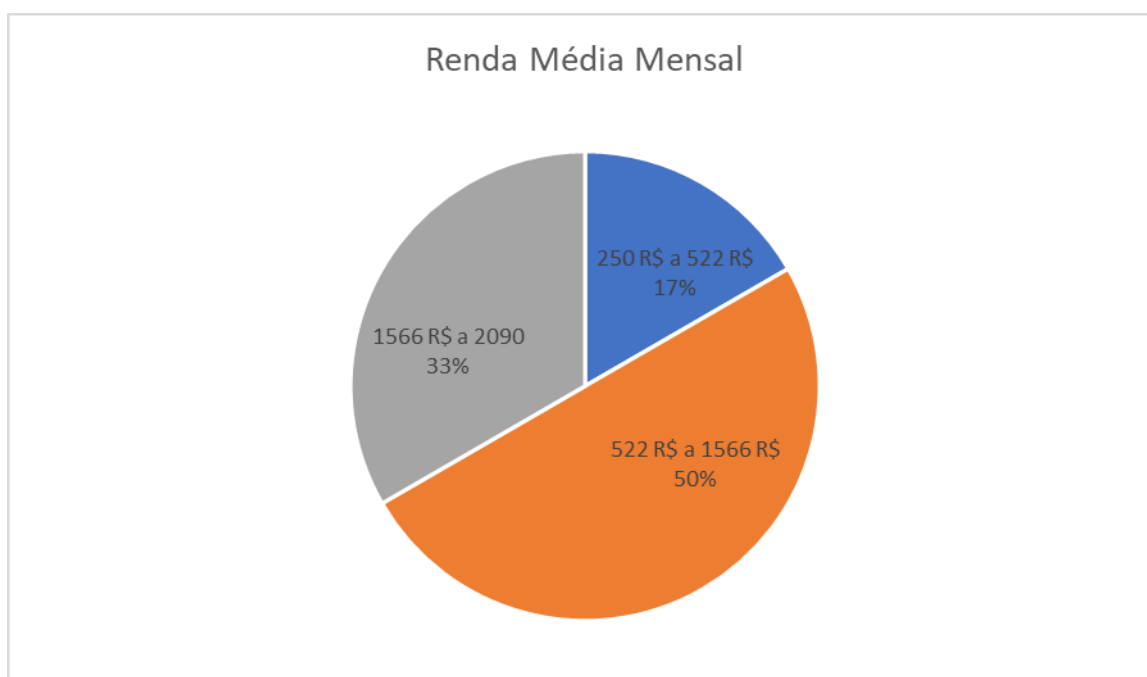
O processo de geração de renda é viabilizado a partir da própria dinâmica de envolvimento de cada produtor(a). Nesta dimensão é importante entendermos que a Rede propõe não só a “geração de renda”, mas, a “apropriação” onde cada agricultor(a) é seu próprio “patrão” e dimensiona sua produção e comercialização de acordo com as suas necessidades rompendo com a lógica do capital. Ainda observamos que há dois públicos distintos. Há aqueles que tem sua produção como principal fonte de renda e outros(as) que a tem como um complemento para sua

renda oriunda de outros meios, conforme podemos ver um extrato no questionário abaixo;



Fonte: elaborado pelo autor

Com base no gráfico obtemos os seguintes resultados, onde, 5 (cinco) produtores(as) que equivale a 42% do público possuem seus ganhos como principal fonte de renda, já outros 7 (sete) produtores(as) que equivalem a 58% do público pesquisado possuem seus ganhos como um complemento de renda. Para além disso, a cooperativa mantém o salário (*Pró-labore*) de uma diretora. Com isso, o gráfico abaixo apresenta a renda média dos(as) agricultores(as).



FONTE: Elaborado pelo autor

Considerando o ano de 2020 até os dias atuais, observamos um impacto “positivo” para a comercialização, pois, através da parceria da rede com a Fundação Banco do Brasil - FBB, iniciou-se um processo de montagem de cestas básicas da agricultura familiar para doar as famílias em situação de vulnerabilidade social, esta campanha denominada “Proteja e Salve Vidas” foi o “ponta pé” inicial para que outros parceiros/as fossem mobilizados pela ação.

Com isso, a rede passou a socializar sua experiência com os órgãos governamentais, num processo de discussão sobre estratégias de como continuar contribuindo com a geração de renda dos agricultores(as), feito isso, o Governo do Estado realizou diversos processos de chamadas públicas, onde, a Rede Xique Xique e a FEDERAÇÃO UNICAFES pode estar participando, comercializando toneladas de alimentos.

AÇÕES DE SOLIDARIEDADE EXECUTADAS PELA REDE XIQUE XIQUE E SUAS PARCERIAS	
Ação Emergencial	Valor comercializado pela cooperativa
Campanha Proteja e Salve Vidas - 1ª ed com apoio da Fundação Banco do Brasil	425.580,00
15 mil cestas básicas para comunidades quilombolas via SETHAS/COOEPIR	508.000,00
Confecção dos Kits para alimentação escolar para o PNAE/DRAE	9.533,88
Campanha de doações do Centro Feminista 8 de Março	68.000,00
Campanha de doações da Comissão Pastoral da Terra -CPT Mossoró	4.513,88
Campanha com a Caritas Diocesana 260	38.974,00
Campanha Proteja e Salve + Vidas - 2ª ed	299.856,65
Total:	135.445.841,00

Fonte: Documentos internos da cooperativa

Conforme podemos observar na tabela acima a Rede Xique Xique executou diversas ações emergenciais no período da pandemia (entre 2020 a Maio de 2021), em que comprou de seus produtores(as) e realizou a doação ao público com vulnerabilidade social com apoio e/ou patrocínio de organizações parceiras como a Fundação Banco do Brasil, Centro Feminista 8 de Março, Comissão Pastoral da Terra, Caritas Diocesana de Mossoró e Governo do Estado.

A primeira ação foi apoiada pela Fundação Banco do Brasil (2020) e depois desta primeira experiência a rede com seu poder de influenciar não somente seus consumidores(as) e a sociedade em geral, mas, também o Governo do Estado e fez com que a mesma experiência fosse viabilizada no Estado, onde, na foto abaixo representa o registro desta ação, que mobilizou diversos municípios.

Doação de Cestas da Agricultura Familiar



Figura 5 – Fonte: Arquivo da Rede (2020)

Entre todas essas experiências, com isso a cooperativa da Rede já movimentou aproximadamente 1,5 milhões de reais desde o início da pandemia e projetar cada vez mais ampliar sua capacidade produtiva e organizacional. Essas campanhas potencializaram a ampla divulgação dos produtos que são oferecidos pela Rede Xique Xique, abaixo observamos um quadro com a lista dos principais produtos regionais que foram ofertados por estas iniciativas.

Lista de produtos da agricultura familiar produzidos pela Rede Xique Xique
Feijão Macassar
Arroz Vermelho
Farinha de Mandioca
Goma
Jerimum Caboclo e de Leite
Macaxeira

FONTE: Elaborado pelo autor

Observa-se que essas ações fizeram com que esta produção fosse reconhecida em todo Estado, mostrando o potencial da agricultura familiar e identidade regional dos produtos gerando com isso a valorização da produção local. Estas ações possibilitam ainda aos agricultores(as) que comercializam, poderem comprar produtos essenciais que os(as) mesmos(as) não produzem garantindo assim a soberania alimentar dessas famílias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos próximos as considerações finais deste trabalho nos debruçamos com um estudo de uma realidade atual de uma experiência concreta que está em curso, em diálogo com os conceitos trabalhado por autores contemporâneos que podem contribuir para pensarmos esta experiência em outras realidades, bem como a viabilidade da promoção de suas estratégias. A profundidade da aproximação que o autor tem com o objeto de estudo é algo que contribuiu para viabilizar os melhores enfoques sobre a problemática apresentada.

Considerando o período recente da pandemia da COVID-19, onde, todas as organizações sociais precisaram reinventar suas estratégias, acreditamos que os resultados apresentados por esta pesquisa sejam extremamente relevantes para estudos posteriores e para comprovar a importância desta iniciativa contra hegemônica de produção, comercialização e consumo solidário, num campo de atuação que compreende o Estado do Rio Grande do Norte, mas, com influências no campo nacional e equatorial.

Para isso, a compreensão das questões norteadoras é essencial, onde, reforçamos nossa compreensão sobre o capitalismo enquanto um sistema

econômico desigual que notadamente não é a melhor alternativa para trabalhadores(as) que não detêm os meios de produção, com isso, o movimento socialista e as experiências populares Brasileiras em articulação com as experiências internacionais, passaram a construir alternativas, é neste contexto que a economia solidária surge como uma alternativa que passa ser formulada nos movimentos sociais, no campo da legislação e das políticas públicas.

Numa compreensão mais abrangente compreendemos a economia solidária como a grande contraposição ao sistema capitalista, primeiro ao propor um processo de tomada de consciência sobre o trabalho, alienação, consumo e o bem-estar social. Dentro da economia solidária irão surgir diversos seguimentos que passam a demandar políticas públicas distintas, sejam de crédito, fomento, redes, entre outras. As redes de colaboração é um conceito e uma forma de organização social e política num campo de articulação que só cresce no Brasil, tanto na perspectiva solidária, quanto no capitalismo.

Observamos que a Rede Xique Xique vai surgir, num contexto nacional de ampla difusão dessas iniciativas e práticas que vinham se fortalecendo desde de 2001, com a fundação da Xique Xique em 2003 já havia a preocupação com a perspectiva do consumo, pois, desde o princípio a presença dos consumidores sempre foi algo considerado importante no processo. E esta relação vai se expandindo com base nas ações que foram sendo executadas, como o trabalho incisivo com o tema do consumo consciente e do comércio justo, chegando a diversas vezes ocorrer o encontro de experiências locais com experiências nacionais.

Para além disso, consideramos que as feiras agroecológicas são um espaço não só de comercialização, mas, de formação, vivências e trocas entre quem produz e quem consome, constituem-se também como uma das formas mais diretas de venda, em que os(as) agricultores(as) podem comercializar seus próprios produtos ou contar com uma equipe que realiza este processo de comercialização.

Nesses 17 anos de existência tem sido desenvolvido um trabalho de fundamental importância para a emancipação dos sujeitos, com grande incidência no público camponês da agricultura familiar e na cidade com as cooperativas de prestação de serviços, artesanato e confecções. Tudo que a rede conquistou até os dias atuais é fruto de um amplo processo de mobilização comunitária, formação

amparada em métodos de educação popular que é sistemático e está em constante reinvenção.

É nítido que a pandemia da COVID-19 afetou todas as organizações do Brasil e do Mundo e não foi diferente com a Rede, no entanto, observou-se o quanto esta experiência foi viável para um universo de agricultores(as) de 16 municípios do Rio Grande do Norte, mantendo a produção e adequando sua comercialização semanal aos serviços de delivery e ainda comercializando em larga escala para compras institucionais que foram doadas ao público burlável e para milhões de pessoas que foram atendidos pelas campanhas de solidariedade, com a doação das cestas básicas da agricultura familiar. Sobre isso é importante frisar que a Rede fortaleceu uma tendência que foi a confecção de cestas básicas com a maioria dos produtos oriundas da agricultura familiar, algo que se repercutiu no Estado e também no país, essas experiências só reforçam o papel de organizações como essas que fazem fazer os seus princípios que foram amplamente discutidos no processo de construção da rede.

Considero ainda que o caso estudado é de suma importância para a formação do professor da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do campo, na medida em que a experiência apresentada se constitui uma espécie de tecnologia social que incorpora princípios, valores, práticas que podem ser tomados como exemplos para aplicação e outras comunidades, principalmente as camponesas com o potencial da inclusão produtiva.

A formação do professor da educação do campo ainda precisa romper os paradigmas impostos pelo sistema capitalista dominante e entender-se como parte deste “Novo Mundo” que é possível, assim, como aprendemos com o Marxismo, logo, só teremos uma outra economia, só avançaremos rumo a uma sociedade que consuma de forma consciente quando entendermos o nosso papel e nosso poder de mobilização para as mudanças concretas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Dyego de Oliveira; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. A Construção dos Fundamentos Conceituais da Economia Solidária. **Revista de Sociologia e Política**, Florianópolis, v. 12, n. 25, p. 99-129, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2013v12n25p99/26274> Acesso em: 05 maio 2020.

BADUE, Ana Flávia Borges et al. **Manual Pedagógico: Entender para Intervir**: por uma educação para o consumo responsável e o comércio justo. São Paulo: Instituto Kairós, 2005. 212 p.

BARROS, Jose D' Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 23, p. 233-245, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11> Acesso em: 21 maio 2021.

CHIZZOTI, Antonio.. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais** 4. Ed - São Paulo: Cortez, 2000 (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola V.16) Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf> acesso em 01/08/2019.

CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. 788 p. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

Caderno da Disciplina: Organização do Espaço (UFRN) disponível em http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Es_p_A07_I_WEB_SF_SI_050805.pdf Acesso em: 21 maio 2021, acesso em 21/05/2021.

FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos et al. **Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica**. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v27n2/20.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.

FREIRE; Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> acesso em 07/08/2020.

FREIRE; PAULO. NOGUEIRA; ADRIANO. **QUE FAZER: TEORICA E PRÁTICA EM EDUCAÇÃO PUPULAR**. Disponível em <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1405> acesso em 05/10/2020.

FAIRCLOUGH, NORMAN. **Discurso e Mudança Social**. 2 ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como práxis pedagógica**/ Moacir Gadotti - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GONÇALVES, Juliana Rodrigues; MASCARENHAS, Thais Silva (org.). **Consumo Responsável em Ação**: tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade. Tecendo Relações Solidárias entre o Campo e a Cidade. 2017. Elaborado por Instituto Kairós. Disponível em: https://institutokairos.net/wp-content/uploads/2017/04/Consumo_Responsavel_Em_Acao.pdf. Acesso em: 04 maio 2020.

GIL; Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>> acesso em 01/08/2019.

GOHN; Maria da Glória. **Educação Não-Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas disponível em** <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf> acesso em 08/02/2020

LOCKS, Pompilio; GUGLIANO, Alfredo Alejandro. **Democracia e Economia Solidária: limitações e potencialidades.** limitações e potencialidades. 2013. Revista Brasileira de Ciência Política, nº10. Brasília, janeiro - abril de 2013, pp. 41-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n10/02.pdf>. Acesso em: 04 maio 2020.

MANCE, Euclides Andre. **Redes de Colaboração Solidária.** Solidarius, Curitiba, p.1-11, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.solidarius.net/mance/biblioteca/redecolaboracao-pt.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2019.

MANSE, Euclides Andre. **A Revolução das Redes de Colaboração Solidária.** Solidarius, Sevilha, p.1-17, 15 jun. 2005. Disponível em: <http://www.solidarius.net/mance/biblioteca/A_Revolucao_das_Red_de_Colaboracao_Solidaria.pdf>. Acesso em: 03 maio 2019.

NAGEM, Fernanda Abreu; SILVA, Sandro Perreira. Institucionalização e Execução das Políticas Públicas de Economia Solidária no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 21, n. 46, p. 159-175, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n46/10.pdf> Acesso em: 05 maio 2020.

NAGEM, Fernanda Abreu; JESUS, Sebastiana Almire de. **V Plenária Nacional de Economia Solidária: trajetória e construção da economia solidária no brasil.** Trajetória e Construção da Economia Solidária no Brasil. 2013. Elaborado pelo IPEA. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3868/1/bmt54_econ03_vplenaria.pdf Acesso em: 05 maio 2020.

NOBRE, Fábio Chaves et al. **A Amostragem na Pesquisa de Natureza Científica em Campo Multiparadigmático: peculiaridades do método qualitativo.** Peculiaridades do Método Qualitativo. 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n22/a17v38n21p13.pdf> Acesso em: 05 maio 2020.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILVA, Lourdes Helena; MIRANDA, Élide Lopes. Agroecologia e Educação do Campo na Zona da Mata Mineira. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 6, n. 2, p. 337-355, jun. 2015. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13233/1/651-1807-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 maio 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONARIO PARA PRODUTORES(AS)

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO(A)	
1. Nome:	2. Idade:
3. Localidade: () Zona Rural () Zona Urbana	
4. Gênero: () Masculino () Feminino () Não binário	
5. Etnia: () Negra(o) () Branca(o) outro: _____	
6. Especificações do seu empreendimento () Associação () Cooperativa () Unidade Familiar () Produção Coletiva () outro: _____	
ENVOLVIMENTO COM A REDE XIQUE XIQUE	
7. Como você passou a integrar a Rede Xique Xique?	
8. Qual a sua relação com o acesso as políticas públicas voltadas a agricultura familiar e camponesa?	
9. Qual a importância das feiras agroecológicas para a execução dos objetivos da rede?	
10. Quais mudanças ocorreram no seu modelo de produção depois que começou a fazer parte da Rede Xique Xique?	
11. Quais as mudanças ocasionadas pela pandemia no seu processo de envolvimento com a Rede Xique Xique?	
SOBRE PRINCÍPIOS, VALORES E IDEIAS (CONCEITOS)	

12.O que você entende por agroecologia?

13.O que você entende por economia solidária e feminista?

14.Qual a importância da educação popular e da mobilização comunitária para os desafios enfrentados pela rede?

SOBRE SUA PRODUÇÃO

15.A renda obtida com a venda de seus produtos representa

- a) Principal fonte de renda
- b) Complementação de renda

16.Caso os seus ganhos se constituam como complementação de renda, quais são suas outras ocupações econômicas?

- () venda a outras organizações
- () venda individual
- () Aposentado e/ou Pensionista
- () Beneficiário(a) de programas sociais
- () Trabalho assalariado
- () Autônomo ou Informal
- () outro: _____

17.Qual cadeia produtiva se insere seu empreendimento?

- () Hortifruticultura
- () Produção animal
- () Produtos processados
- () Pescado
- () Artesanato

18.Considerando o período recente da pandemia da COVID-19, qual foi o valor médio que você alcançou através da Rede Xique Xique?

- () 250 R\$ a 522 R\$
- () 522 R\$ a 1.566 R\$
- () 1.566 R\$ a 2.090 R\$

19. Quais foram os principais problemas relacionados a produção que você enfrentou no último ano?

- () Desmantelamento de políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar;
- () Falta de capital de giro/crédito/fomento para as associações e cooperativas;
- () Estiagem/ Falta de sistema irrigado;
- () Falta de planejamento produtivo;
- () Complicações relacionadas a saúde dos colaboradores no contexto da COVID-19;
- () Outros: _____

APÊNDICE B – QUESTIONARIO PARA CONSUMIDORES(AS)

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO(A)	
1. Nome:	2. Idade:
3. Localidade: () Zona Rural () Zona Urbana	
4. Gênero: () Masculino () Feminino () Não binário	
5. Etnia: () Negra(o) () Branca(o) outro: _____	
RELAÇÃO COM A REDE XIQUE XIQUE	
6. Como você conheceu a Rede Xique Xique?	
7. Quais as mudanças no seu processo de consumo após conhecer a rede?	
8. Quais os diferenciais entre os produtos que você compra na Rede Xique Xique com os produtos do mercado convencional?	
9. O que você entende por agroecologia?	
10. O que você entende por economia solidária e feminista?	
11. Como você definiria consumo solidário?	
12. Quais as mudanças ocasionadas pela pandemia no processo de envolvimento com a Rede Xique Xique?	

ANEXO A – Foto da fachada da Bodega Xique Xique



FONTE: Arquivo da Rede (2021)

ANEXO B – Página de e-commerce da Rede



Fonte: Arquivo da Rede (2021)